

ANÁLISE DO SETOR DAS ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Estudos da Central de Balanços

Abril 2014



BANCO DE PORTUGAL
EUROSISTEMA

16



16

ANÁLISE DO SETOR DAS ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Estudos da Central de Balanços

Abril 2014



BANCO DE
PORTUGAL
EUROSISTEMA

Lisboa, 2014 • www.bportugal.pt

Nota Prévia

A presente análise baseia-se nos dados recolhidos através da Informação Empresarial Simplificada (IES) e tratados pela Central de Balanços do Banco de Portugal. Através da IES as empresas cumprem, de uma só vez, as obrigações de declaração das contas anuais junto dos Ministérios das Finanças e da Justiça, do Banco de Portugal e do Instituto Nacional de Estatística (INE).

A IES é normalmente reportada no prazo máximo de seis meses e meio após o fim do exercício económico, o que corresponde, para a maioria das empresas residentes em Portugal, ao dia 15 de julho do ano seguinte ao de referência dos dados. Para esta análise utilizaram-se os dados da IES de 2012, os mais recentes à data desta publicação.

A informação reportada pelas empresas na IES é objeto de um processo de controlo de qualidade no Banco de Portugal que visa, essencialmente, assegurar a coerência e a integridade da informação contabilística no exercício económico, assim como a consistência temporal dos principais agregados. No âmbito dessa análise, é também efetuado o confronto com os dados obtidos através de outros sistemas de estatísticas da responsabilidade do Banco de Portugal.

Para além da informação obtida através da IES, esta publicação incorpora informação complementar relativa à dívida financeira das empresas em Portugal disponível a partir de outras bases de dados do Departamento de Estatística do Banco de Portugal, nomeadamente da Central de Responsabilidades de Crédito (CRC) e do Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos (SIET).

Para efeitos da comparação com outros países é utilizada a informação da base de dados europeia *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* (BACH), gerida pelo Comité Europeu das Centrais de Balanços (ECCBSO – *European Committee of Central Balance-Sheet Data Offices*). Esta informação possibilita a

comparação da situação das empresas de nove países europeus: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália, Polónia, Portugal, e República Checa.

Sumário

De acordo com a informação disponível na Central de Balanços do Banco de Portugal, o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* representava, em 2012, cerca de 2% das empresas, 3% do número de pessoas ao serviço e 4% do volume de negócios do setor institucional das Sociedades Não Financeiras (SNF).

No que respeita às atividades que integram o setor das *Atividades de Informação e Comunicação (Media, Telecomunicações e Tecnologias de Informação)*, as *Telecomunicações* eram as que assumiam, em 2012, maior relevância em termos de volume de negócios (55%). Em contrapartida, as *Tecnologias de Informação* dominavam em número de empresas (59%) e em pessoas ao serviço (56%). Atendendo à dimensão das empresas, o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* era constituído, maioritariamente, por microempresas (90%), embora o maior contributo em termos do volume de negócios fosse dado pelas grandes empresas (69%).

Em 2012, o volume de negócios do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* continuou a decrescer (6%), ainda assim a um ritmo inferior ao verificado em 2011 (11%). Os custos da atividade operacional diminuíram numa proporção idêntica à do volume de negócios, influenciados por todas as suas componentes. Não obstante a quebra na atividade, a rentabilidade dos capitais próprios do setor cresceu 2 p.p. em 2012, para 2%, superando, deste modo, a rentabilidade do agregado das SNF (-0.5%). Esta melhoria foi generalizada a todos os segmentos de atividade económica que compõem o setor das *Atividades de Informação e Comunicação*.

Na componente financeira, o setor apresentou níveis médios de capitais próprios superiores aos das SNF em todo o período em análise. Em 2012, o valor médio do rácio de autonomia financeira foi de 45%, que compara com 30% nas SNF. No entanto, a informação individual mostra que este indicador médio é muito

influenciado por um subconjunto de empresas com elevados níveis de capitais próprios. No geral, as empresas deste setor apresentaram níveis de autonomia financeira em linha com as restantes atividades em Portugal, com a mediana do setor a situar-se em 26% (24% nas SNF), o que significa que, em pelo menos metade das empresas do setor, 74% do ativo era financiado por capital alheio.

As necessidades de financiamento alheio das empresas do setor, em 2012, foram maioritariamente satisfeitas por via da dívida financeira e dos créditos comerciais (respetivamente, 68% e 13% do passivo do setor). Ao nível da dívida financeira destaca-se o baixo peso relativo dos empréstimos bancários, representando apenas 8% do agregado (48% nas SNF). Por sua vez, existe um maior recurso a financiamentos por parte de empresas do grupo e através da emissão de títulos de dívida (52% e 35% da dívida financeira, respetivamente). Ao nível da pressão financeira (medida pelo peso dos juros no EBITDA), o setor compara favoravelmente com o agregado das SNF, com o indicador em 2012 a ser inferior em 18 p.p. (19% e 37%, respetivamente).

Quanto à dívida comercial, o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* apresentava prazos médios de recebimentos (91 dias) inferiores aos de pagamentos (106 dias). No entanto, em termos absolutos (saldo entre fornecedores e clientes), a dívida comercial não constituía uma forma de financiamento líquida para o setor.

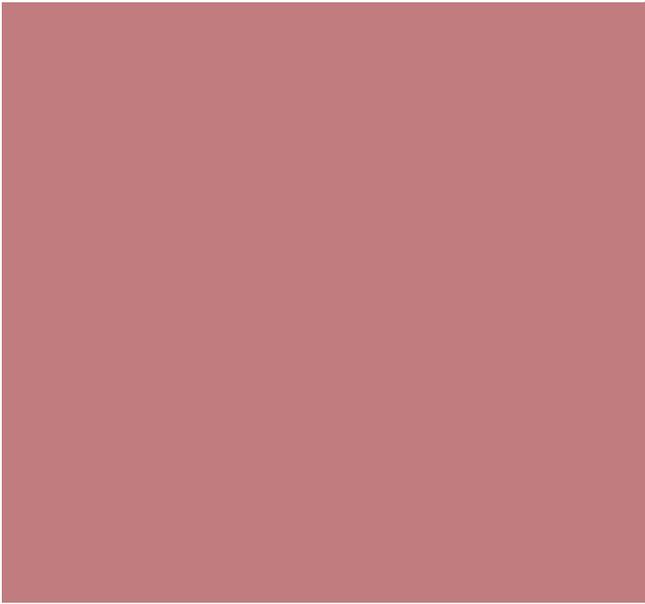
Ao nível da informação disponível para 2013, a Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal mostra que o financiamento concedido ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação* por instituições de crédito residentes, não obstante o seu baixo peso, diminuiu 14% face a 2012 (7% nas SNF). O rácio de crédito vencido do setor subiu 2 p.p., para 7%, um nível significativamente inferior ao exibido pelas SNF (13%), o que foi uma constante ao longo de todo o período

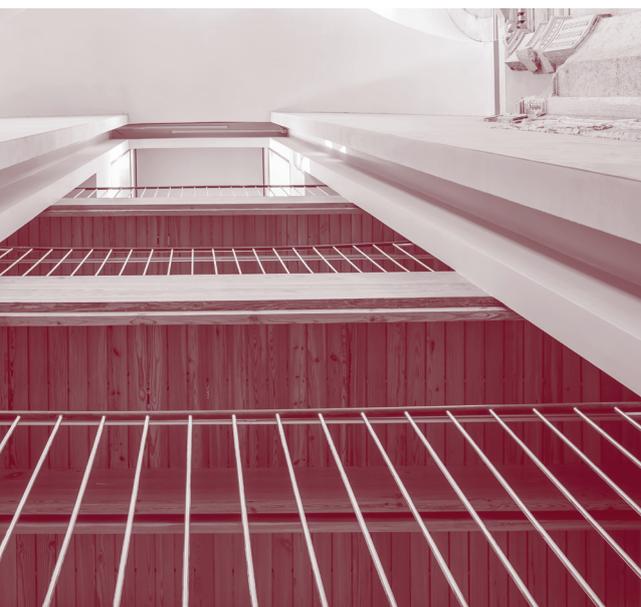
2009-2013. O financiamento por títulos de dívida, que ultrapassava 4 mil milhões de euros no final de 2013, decresceu 3% face a 2012. A emissão de títulos de dívida deve-se, quase exclusivamente, às grandes empresas e ao segmento de atividade das *Telecomunicações*. Os detentores destes títulos são essencialmente entidades não residentes.

A comparação internacional realizada com a informação disponível na *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* (BACH) permite constatar que o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* apresenta, por exemplo, níveis de rentabilidade inferiores à maioria dos restantes países em análise. Em termos de estrutura de financiamento, uma característica distintiva deste setor em Portugal é o reduzido peso do financiamento bancário.

Índice

- 1. Introdução | **11**
- 2. Estrutura e dinâmica | **12**
 - 2.1. Estrutura | **12**
 - 2.2. Concentração | **16**
 - 2.3. Dinâmica | **17**
- 3. Análise económica e financeira | **20**
 - 3.1. Enquadramento | **20**
 - 3.2. Atividade e rentabilidade | **20**
 - 3.2.1. Volume de negócios | **20**
 - 3.2.2. Custos da atividade operacional | **21**
Caixa 1 – Relevância do exterior na atividade operacional das empresas do setor das Atividades de Informação e Comunicação | **24**
 - 3.2.3. EBITDA | **26**
 - 3.2.4. Rentabilidade dos capitais próprios | **26**
 - 3.3. Situação financeira | **28**
 - 3.3.1. Estrutura financeira | **28**
Caixa 2 – Empréstimos obtidos junto de instituições de crédito residentes em Portugal – caracterização com base na Central de Responsabilidades de Crédito | **34**
 - 3.3.2. Custos financeiros e solvabilidade | **32**
Caixa 3 – Crédito obtido através da emissão de títulos de dívida – caracterização com base no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos | **36**
 - 3.3.3. Financiamento por dívida comercial | **37**
- 4. Comparação internacional a partir da base de dados BACH | **39**
 - 4.1. Rentabilidade | **39**
 - 4.2. Estrutura de financiamento e solvabilidade | **40**
- Anexo – Principais indicadores do setor das Atividades de Informação e Comunicação | **47**
- Síntese metodológica | **48**
- Siglas e acrónimos | **49**
- Referências | **50**
- Estudos da Central de Balanços | **51**





ANÁLISE DO SETOR DAS ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

1. Introdução
2. Estrutura e dinâmica
3. Análise económica e financeira
4. Comparação internacional a partir da base de dados BACH

1. Introdução

O Estudo “*Análise do setor das Atividades de Informação e Comunicação*” avalia a situação económica e financeira das empresas pertencentes ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (Secção J da CAE–Rev.3), tendo por base a informação compilada pela Central de Balanços do Banco de Portugal¹. O setor das *Atividades de Informação e Comunicação* compreende, para efeitos desta análise, as atividades relacionadas com os *Media*, as *Telecomunicações* e as *Tecnologias de Informação*.

Os resultados apresentados nesta publicação complementam os dados agregados sobre Sociedades Não Financeiras (SNF²), apurados igualmente a partir da Central de Balanços e divulgados no âmbito das publicações estatísticas do Banco de Portugal³. A análise incide essencialmente sobre o período 2008-2012, com base na Informação Empresarial Simplificada (IES), sendo o ano de 2013 analisado sempre que exista informação que permita providenciar detalhe adicional, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento por empréstimos bancários e por títulos de dívida.

Neste Estudo procura-se caracterizar o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* quanto à dispersão dos resultados obtidos pelas empresas⁴ que o compõem, para um conjunto de indicadores selecionados. Para o efeito, apresentam-se resultados sobre a distribuição dos dados das empresas do agregado (*i.e.*, quartis), os quais possibilitam uma análise alternativa ao indicador sintético sobre a média do setor e oferecem medidas isentas das distorções provocadas por eventuais valores extremos. Adicionalmente, analisam-se os contributos dos vários segmentos de atividade económica e classes de dimensão para a determinação dos resultados agregados do setor.

Nesta publicação apresentam-se igualmente resultados comparados para as *Atividades de Informação e Comunicação* e para o agregado das SNF em Portugal. Para um maior detalhe

sobre os resultados obtidos para o setor das SNF, devem ser consultadas as edições dos Estudos da Central de Balanços do Banco de Portugal “*Estrutura e Dinâmica das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2006-2012*” e “*Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2012/2013*” (números 12 e 13, ambos de novembro de 2013).

A análise inicia-se com uma caracterização do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, onde é avaliada a estrutura do setor, em termos de atividade económica, dimensão, localização geográfica, maturidade e natureza jurídica das empresas que o compõem. São também apresentados dados sobre a concentração do mercado e a dinâmica empresarial. De seguida, analisa-se a evolução recente do volume de negócios e procura-se determinar em que medida esta se reflete nas rendibilidades obtidas pelas empresas. Para tal, decompõem-se os efeitos que influem sobre estas rendibilidades entre as componentes operacional e financeira da atividade das empresas, procurando também fornecer alguma informação sobre a respetiva capacidade de solvência.

Por último, para efeitos de comparação internacional, é utilizada a base de dados *Bank for the Account of Companies Harmonized* (BACH), com o objetivo de comparar a situação das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* de nove países europeus, designadamente em termos de rentabilidade e endividamento.

Em Anexo, apresenta-se um quadro-resumo com os principais indicadores e uma síntese metodológica com a definição dos principais conceitos utilizados ao longo do Estudo. No sítio do Banco de Portugal na *Internet* encontram-se igualmente disponíveis, em ficheiro Excel, as séries estatísticas analisadas.

2. Estrutura e dinâmica

2.1. Estrutura

O setor das *Atividades de Informação e Comunicação* considerado neste Estudo compreende a Secção J– **Atividades de Informação e Comunicação** da CAE–Rev.3, na qual se incluem as atividades de produção e distribuição de produtos de informação e culturais, o fornecimento de meios para transmitir e distribuir esses produtos, assim como dados ou comunicações, as atividades das tecnologias da informação, o processamento de dados e outras atividades de informação.

São consideradas como parte integrante do setor em estudo as seguintes Divisões da CAE–Rev.3: 58–*Atividades de edição*; 59–*Atividades cinematográficas, de vídeo, de produção de programas de televisão, de gravação de som e de edição de música*; 60–*Atividades de rádio e de televisão*; 61–*Telecomunicações*; 62–*Consultoria e programação Informática e atividades relacionadas*; e 63–*Atividades dos serviços de informação*.

Para efeitos de simplificação e clareza dos dados apresentados neste Estudo, as Divisões 58, 59 e 60 foram agregadas e designadas abreviadamente por **Media**, a Divisão 61 é apresentada isoladamente como **Telecomunicações** e as Divisões 62 e 63 são agregadas e designadas abreviadamente por **Tecnologias de Informação**. Esta divisão foi efetuada tendo em conta as similaridades presentes em termos de atividade económica entre as várias Divisões agrupadas.

Em 2012, o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* compreendia cerca de 9 mil empresas, representativas de mais de 2% das empresas, 4% do volume de negócios e 3% do número de pessoas ao serviço das SNF (Quadro 1). Nos últimos dez anos, o peso das *Atividades de Informação e Comunicação* nas SNF diminuiu ligeiramente em termos de volume de negócios (0.3 p.p.), embora tenha aumentado ao nível do número de empresas (0.8 p.p.) e do número de pessoas ao serviço (0.6 p.p.).

Por segmentos de atividade económica evidenciam-se, no que respeita à repartição do volume de negócios do setor, as *Telecomunicações* (55% do total do setor em 2012), apesar do seu peso reduzido em termos de número de empresas (6%). As *Tecnologias de Informação* assumem maior relevância relativamente ao número de pessoas ao serviço e ao número de empresas (56% e 59%, respetivamente) (Gráfico 1).

Por classes de dimensão⁵, as grandes empresas apresentavam um maior peso relativo no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* do que no total das SNF, em qualquer um dos três indicadores em análise: número de empresas (0.3 p.p.), volume de negócios (24 p.p.) e número de pessoas ao serviço (11 p.p.). Em 2012, as grandes empresas agregavam 0.5% das empresas, 40% do número de pessoas ao serviço e 69% do volume de negócios do setor em estudo (Quadro 2). Embora as grandes empresas justificassem a maior parcela do

Quadro 1 • Peso do setor das Atividades de Informação e Comunicação nas SNF (2012)

	Número de empresas	Volume de negócios	Número de pessoas ao serviço
Atividades de Informação e Comunicação	2.5%	3.9%	2.8%
Media	0.8%	0.7%	0.7%
Telecomunicações	0.2%	2.1%	0.6%
Tecnologias de Informação	1.5%	1.1%	1.6%

Quadro 2 • Estruturas | Por classes de dimensão (2012)

Indicador	Dimensão	SNF	Atividades de Informação e Comunicação
Número de empresas	Microempresas	88.8%	89.8%
	Pequenas e médias empresas	10.9%	9.6%
	Grandes empresas	0.3%	0.5%
Volume de negócios	Microempresas	14.4%	6.6%
	Pequenas e médias empresas	40.6%	24.8%
	Grandes empresas	45.0%	68.6%
Número de pessoas ao serviço	Microempresas	26.8%	19.5%
	Pequenas e médias empresas	43.9%	40.6%
	Grandes empresas	29.3%	39.9%

Nota: As células sombreadas identificam as classes de dimensão mais relevantes em cada setor/indicador.

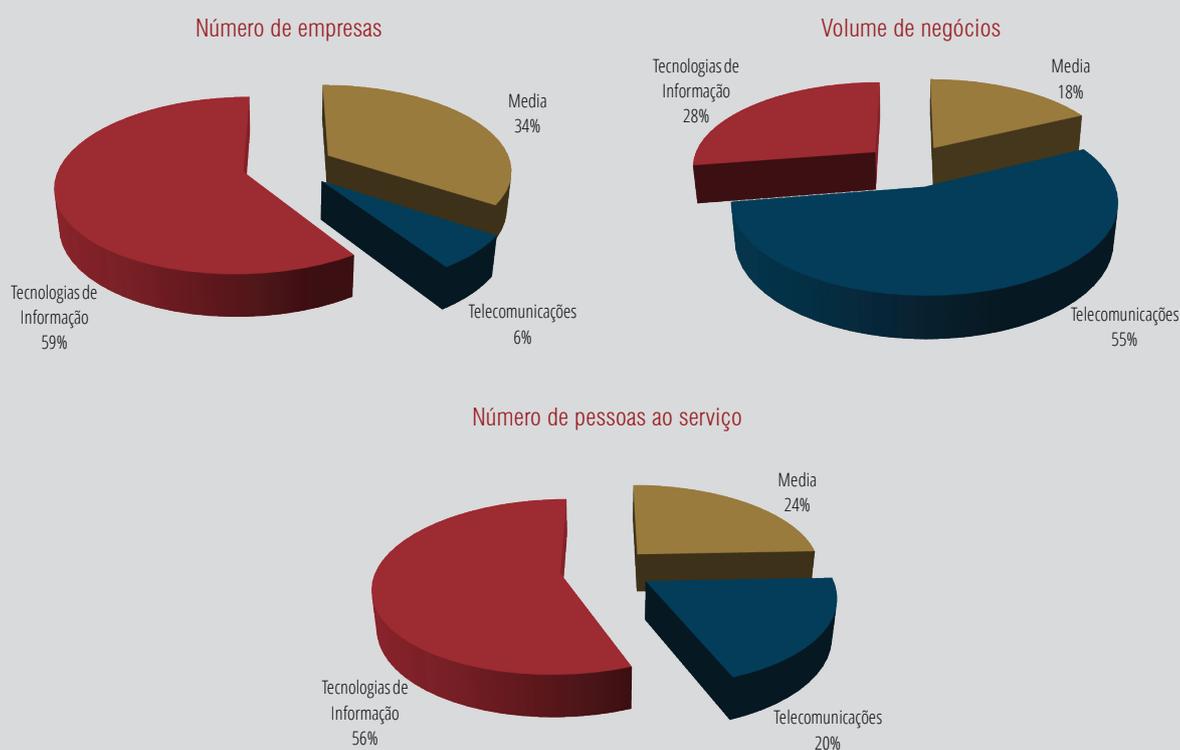


Gráfico 1 • Estruturas | Por segmentos de atividade económica (2012)

volume de negócios, as pequenas e médias empresas (PME) tinham maior relevância ao nível do emprego, enquanto as microempresas dominavam em número de empresas.

O Gráfico 2 apresenta a composição setorial de cada classe de dimensão, tendo por base o volume de negócios gerado em 2012 pelas atividades que compõem o setor das *Atividades de Informação e Comunicação*.

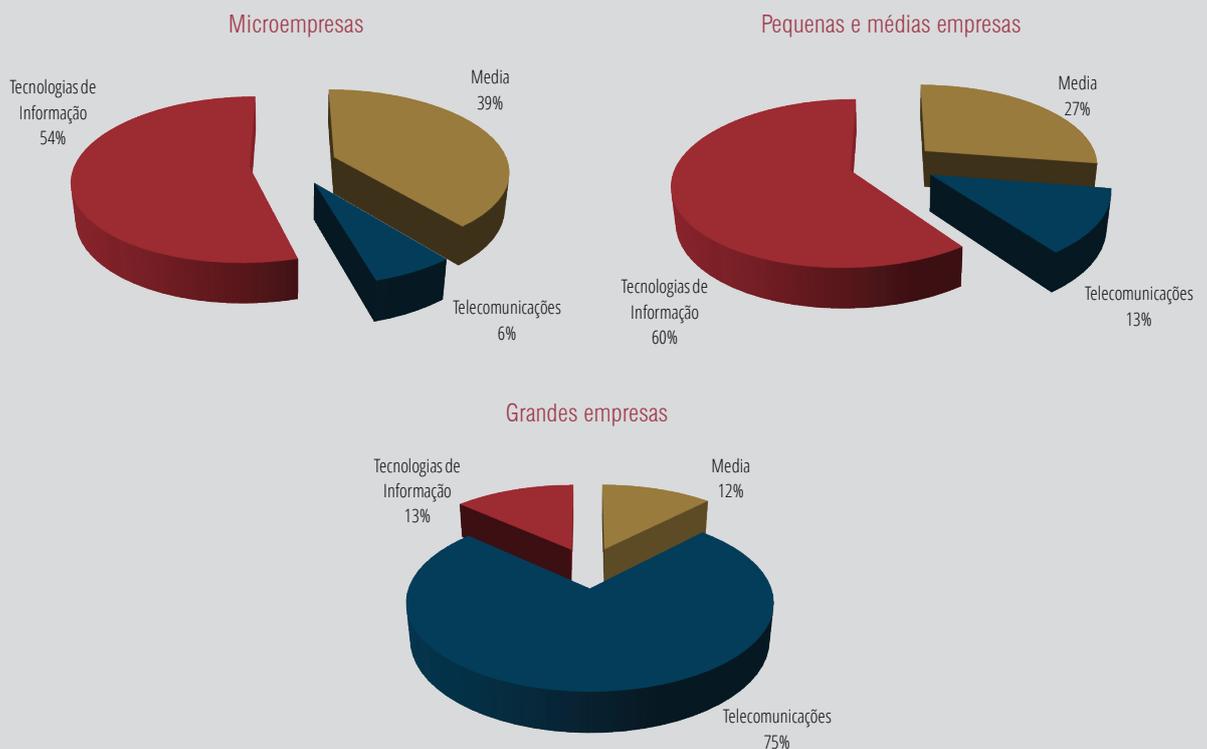
O peso das *Telecomunicações* é mais significativo nas classes de maior dimensão, acontecendo o inverso com os *Media*. De facto, as *Telecomunicações* destacam-se sobretudo na classe das grandes empresas, onde são responsáveis por três quartos do volume de negócios total. Em contrapartida, as *Tecnologias de Informação* assumem particular relevância na classe das PME (60%) e das microempresas (54%). Os *Media* apresentam maior peso na classe das microempresas (39%), comparativamente às PME (27%) e às grandes empresas (12%).

Esta diferença na dimensão das empresas fica também evidente quando se analisa o

emprego e o volume de negócios gerados pela empresa média de cada segmento de atividade económica. As *Telecomunicações* destacam-se das restantes atividades pela maior dimensão média das suas empresas. Com efeito, em 2012, em termos médios, as empresas das *Telecomunicações* geravam 13.8 vezes mais volume de negócios e 3.5 vezes mais emprego do que a empresa média em Portugal. Nos *Media* a situação era a oposta, com a empresa média desta atividade a criar menos emprego e a gerar também menos volume de negócios do que a SNF média, em Portugal. Já as *Tecnologias de Informação* situavam-se numa posição intermédia, comparando positivamente ao nível do emprego e negativamente em termos de volume de negócios (Quadro 3).

Relativamente à **localização geográfica**⁶ (Quadro 4), merecem destaque as principais áreas metropolitanas do país: Lisboa e Porto. Com efeito, cerca de 64% das empresas, 90% do volume de negócios e 83% do número de pessoas ao serviço do setor encontravam-se associadas a empresas sediadas nestes dois

Gráfico 2 •
Composição setorial das classes de dimensão das empresas (volume de negócios - 2012)



Quadro 3 • Volume de negócios médio e número médio de pessoas ao serviço (2012) | SNF=1

	Atividades de Informação e Comunicação	Media	Telecomunicações	Tecnologias de Informação
Número médio de pessoas ao serviço	1.14	0.81	3.54	1.08
Volume de negócios médio	1.60	0.83	13.77	0.74

distritos. Não obstante, ainda que o seu peso tenha diminuído na última década nos três indicadores, Lisboa era o distrito que contribuía de forma mais significativa para a concentração registada (48% do número de empresas do setor, 77% do volume de negócios e 69% do número de pessoas ao serviço).

A concentração que este setor evidencia nos distritos de Lisboa e Porto supera, substancialmente, a observada no agregado das SNF: +18 p.p. em número de empresas; +30 p.p. em número de pessoas ao serviço; e +31 p.p. em volume de negócios.

A centralização observada no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* é igualmente notória em qualquer um dos três segmentos de atividade que o compõem, com os

dois distritos referidos a representarem sempre a parcela maioritária de qualquer uma das variáveis analisadas.

Considerando a **maturidade das empresas**⁷, 43% do volume de negócios de 2012 do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* teve origem em empresas com mais de 20 anos (47% nas SNF). A segunda categoria mais relevante foi a das empresas com idade entre 10 e 20 anos, responsáveis por 39% do volume de negócios total do setor, uma parcela 10 p.p. superior ao verificado no agregado das SNF (Gráfico 3).

Por segmentos de atividade económica, os *Media* e as *Telecomunicações* apresentaram estruturas semelhantes ao total do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*.

Quadro 4 • Localização geográfica | Por segmentos de atividade económica (2012)

		Número de empresas	Volume de negócios	Número de pessoas ao serviço
SNF	Lisboa	28.2%	42.9%	35.1%
	Porto	17.6%	15.7%	18.5%
Atividades de Informação e Comunicação	Lisboa	48.0%	76.5%	68.9%
	Porto	15.7%	13.4%	14.5%
Media	Lisboa	51.8%	78.2%	64.6%
	Porto	13.7%	13.6%	17.6%
Telecomunicações	Lisboa	41.9%	77.1%	81.0%
	Porto	13.9%	13.3%	9.5%
Tecnologias de Informação	Lisboa	46.4%	74.3%	66.5%
	Porto	17.1%	13.5%	14.9%

Por sua vez, nas *Tecnologias de Informação*, as empresas com menos de 5 anos ganham predominância tendo representado 14% do respetivo volume de negócios em 2012. Em contrapartida, as empresas com mais de 20 anos foram responsáveis por 30% do volume de negócios deste segmento.

Ao nível da **natureza jurídica**⁸, o volume de negócios do setor em análise é dominado pelas sociedades anónimas (77%), superando substancialmente o peso evidenciado nas SNF (52%). A predominância das sociedades anónimas é ainda mais significativa nas *Telecomunicações*, onde são responsáveis por 92% do volume de negócios, por contrapartida das sociedades por quotas (8%). Há uma menor relevância das restantes naturezas jurídicas, com as sociedades por quotas a gerarem 20% do volume de negócios do setor, enquanto nas SNF eram responsáveis por uma parcela de 41% (Gráfico 4).

2.2. Concentração

De forma a caracterizar o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* relativamente à concentração empresarial, calculou-se o Herfindahl-Hirschman Index (HHI)⁹, atendendo à quota de mercado de cada empresa no respetivo segmento de atividade económica.

Em 2012, as *Telecomunicações* eram a atividade económica que apresentava índices de concentração mais elevados (HHI de 0.16), condiscente com uma situação de alguma concentração. A maior concentração neste segmento de atividade pode ser explicada pelo reduzido número de empresas a operar neste mercado. Já os resultados apresentados pelo setor das *Atividades de Informação e Comunicação* não revelavam indícios de concentração (HHI de 0.05) (Gráfico 5).

Com efeito, considerando as maiores empresas em termos de quota de mercado (10% das empresas), verifica-se que estas representavam,

Gráfico 3 •
Estrutura |
Por classes de
maturidade
(volume de
negócios - 2012)

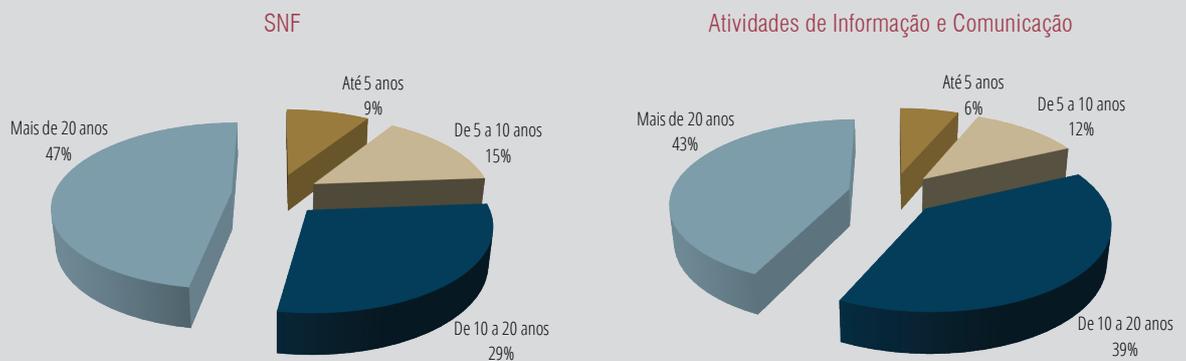
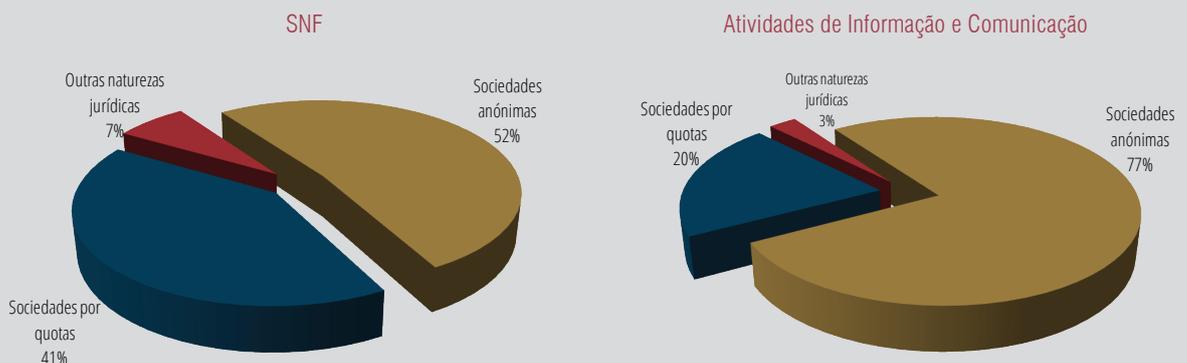


Gráfico 4 •
Estrutura | Por
natureza jurídica
(volume de
negócios - 2012)



em 2012, 99% do volume de negócios das *Telecomunicações*. Ao restringir a análise para 1% das empresas com maiores quotas de mercado, este valor decresce para os 87% mantendo-se, ainda assim, elevado. Por sua vez, nos restantes segmentos de atividade, 10% das empresas com maiores quotas eram responsáveis por 91% e 88% do volume de negócios dos *Media* e das *Tecnologias de Informação*, respetivamente. Considerando 1% das maiores empresas, estes valores decrescem para 62% nos *Media* e 54% nas *Tecnologias de Informação* (Quadro 5).

2.3. Dinâmica

Em 2012, o número de empresas em atividade no setor em estudo apresentou um crescimento de 5%, aumentando pelo sexto ano consecutivo. No agregado das SNF, pelo

contrário, o número de empresas contraiu 0.2% (Gráfico 6).

No entanto, a dinâmica deste setor compara favoravelmente com a exibida pelo agregado das SNF em Portugal, no período em análise. Em consequência, tem-se verificado um aumento da importância relativa do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* na estrutura setorial das SNF.

Por segmentos de atividade económica, tem vindo a verificar-se uma expansão do número de empresas associadas aos segmentos das *Telecomunicações* e das *Tecnologias de Informação*. Em contrapartida, os *Media* têm perdido peso relativo, registando recorrentemente taxas de crescimento inferiores aos dos restantes segmentos, sendo apenas marginalmente positivas. Em 2012, por cada empresa que cessou atividade nos *Media* foram criadas

Quadro 5 • Distribuição do volume de negócios (2012)

	Atividades de Informação e Comunicação	Media	Telecomunicações	Tecnologias de Informação
Percentagem do volume de negócios detida por 10% das empresas	95%	91%	99%	88%
Percentagem do volume de negócios detida por 1% das empresas	78%	62%	87%	54%

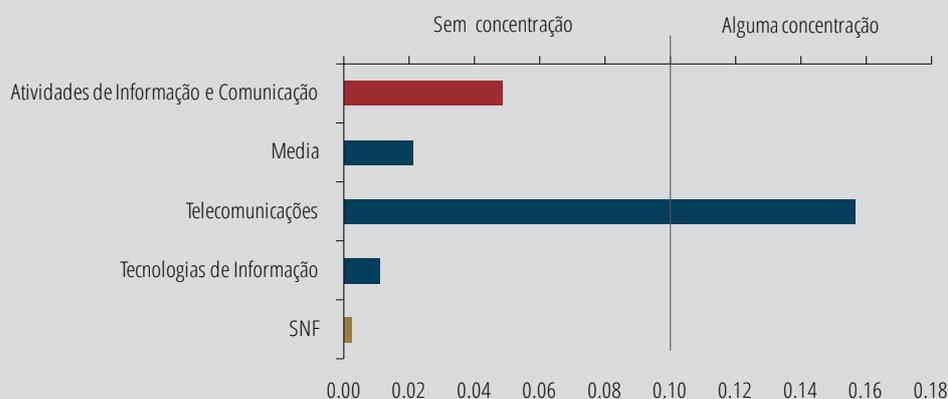


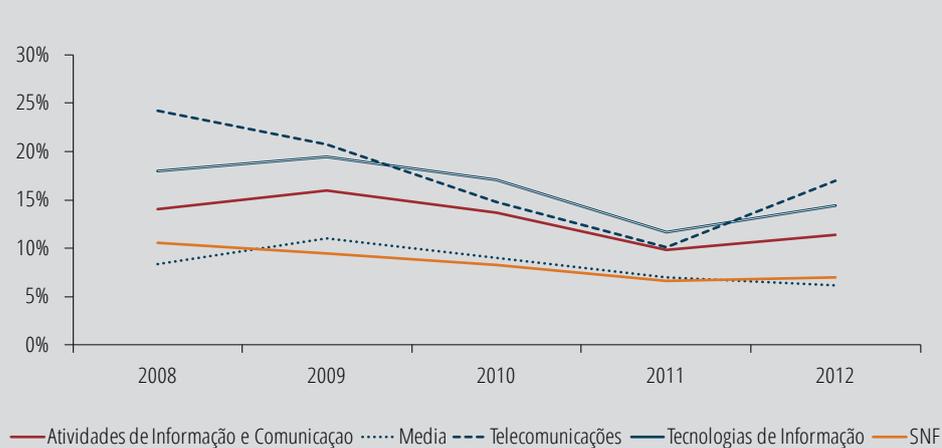
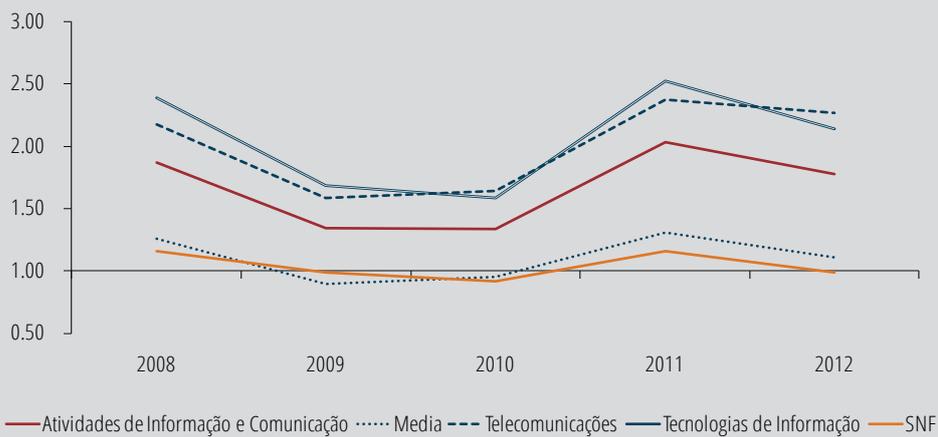
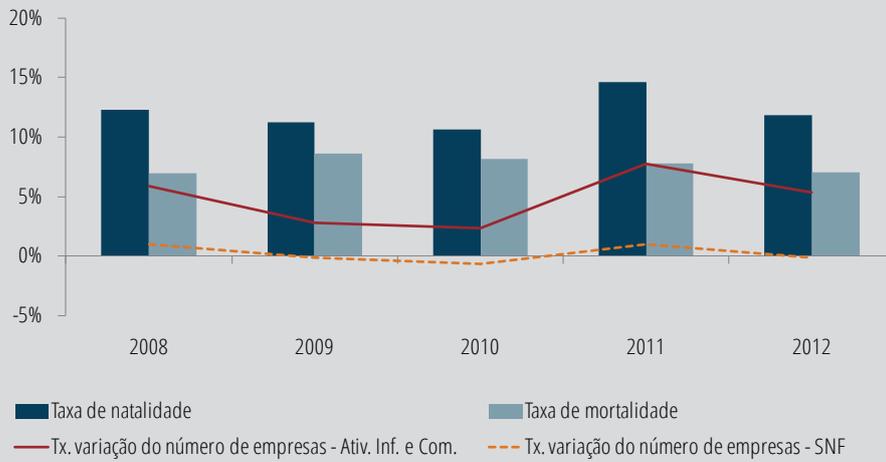
Gráfico 5 • Herfindahl-Hirschman Index (2012)

apenas 1.11 novas empresas. Por sua vez, nos restantes segmentos que compõem o setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, o número de criações de empresas mais do que duplicou o número de cessações (Gráfico 7).

O forte crescimento registado por uma parcela significativa das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* ajuda, por certo, a explicar o aumento do número de empresas em atividade neste setor. Em 2012, cerca de 11% das empresas das *Atividades de Informação e Comunicação* eram Empresas de Elevado Crescimento (EEC), ou seja, apresentaram um crescimento anual médio, num período de três anos consecutivos, superior a 20% (Gráfico 8). Por comparação, no agregado das SNF a parcela de EEC foi de 7%.

Por segmentos de atividade económica, as *Telecomunicações* detinham, em 2012, a maior parcela de EEC no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (17%), que compara com 14% nas *Tecnologias de Informação* e 6% nos *Media*. O segmento das *Telecomunicações* situou-se neste ano entre as dez atividades (identificadas ao nível da Divisão da CAE-REV.3) com maior proporção de EEC em Portugal¹⁰.

No período em análise, acompanhando a degradação da situação económica em Portugal, é notória uma diminuição da parcela de EEC em todos os segmentos de atividade. Em 2008, esta parcela representava 24% nas *Telecomunicações*, 18% nas *Tecnologias de Informação* e 8% nos *Media*. No entanto, em 2012 são visíveis sinais de inversão desta tendência, tendo-se verificado um aumento da parcela de EEC nos segmentos das *Telecomunicações* (+7 p.p.) e das *Tecnologias de Informação* (+3 p.p.).



3. Análise económica e financeira

3.1. Enquadramento

O ano de 2012 caracterizou-se por um contexto externo adverso, marcado pela recessão na área do euro e pelo abrandamento do crescimento económico mundial. No plano interno, o produto interno bruto caiu 3.2%, depois de ter diminuído 1.3% em 2011, e o desemprego aumentou. O consumo privado e o investimento tiveram um decréscimo mais acentuado, por referência a 2011, enquanto o consumo público caiu ligeiramente menos do que no período homólogo.

Embora se tenha mantido a orientação contractionista da política orçamental, as restrições foram menos acentuadas ao nível das condições monetárias e financeiras. Observaram-se progressos no processo de ajustamento da economia portuguesa, nomeadamente ao nível do reequilíbrio do saldo conjunto das balanças corrente e de capital e da redução do défice primário e estrutural. As operações comerciais com o exterior continuaram a dar um contributo positivo para a evolução do PIB, com as exportações a crescerem, embora a um ritmo inferior ao observado em 2011, e as importações a caírem de forma mais acentuada (Quadro 6).

Em relação a 2013, os dados mais recentes publicados pelo INE, apontam para uma queda

do PIB de 1.4%. As exportações cresceram acima do verificado em 2012, enquanto o consumo público, consumo privado e investimento registaram quebras inferiores¹¹.

3.2. Atividade e rendibilidade

3.2.1. Volume de negócios

O volume de negócios das *Atividades de Informação e Comunicação* diminuiu em 2012 (6%) pelo quarto ano consecutivo, ainda assim a um ritmo inferior ao registado em 2011 (11%). Depois de dois anos consecutivos com quebras de atividade superiores às verificadas no agregado das SNF, o setor em análise apresentou em 2012 um desempenho menos desfavorável (contração de 9% nas SNF) (Gráfico 9).

A evolução negativa do volume de negócios do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* foi sentida em todas as classes de dimensão. As PME registaram a maior quebra (9%), enquanto as grandes empresas e as microempresas apresentaram uma redução semelhante e de menor nível (5%). Note-se que todas as classes de dimensão tinham apresentado já em 2011 taxas de crescimento do volume de negócios negativas (destacando-se as grandes empresas com uma contração de 13%).

Quadro 6 • PIB e principais componentes | Taxa de crescimento anual

	2009	2010	2011	2012	2013
PIB	-2.9%	1.9%	-1.3%	-3.2%	-1.4%
Consumo privado	-2.3%	2.5%	-3.3%	-5.3%	-1.7%
Consumo público	4.7%	0.1%	-5.0%	-4.7%	-1.7%
Formação bruta de capital fixo	-8.6%	-3.1%	-10.5%	-14.4%	-6.6%
Exportações	-10.9%	10.2%	6.9%	3.2%	6.1%
Importações	-10.0%	8.0%	-5.3%	-6.6%	2.8%

Fonte: INE e Banco de Portugal

Por segmentos de atividade económica, a maior quebra do volume de negócios face a 2011 ocorreu nos *Media* (13%), mas dado o seu menor peso relativo no setor *Atividades de Informação e Comunicação* o seu contributo para a evolução negativa do agregado foi de apenas 2 p.p.. As *Telecomunicações* e as *Tecnologias de Informação* diminuíram, respetivamente, 5% e 4% com contributos de 3 p.p. e 1 p.p. na contração do volume de negócios do setor.

A análise dos dados individuais referentes a 2012 permite confirmar que a menor quebra do volume de negócios das *Atividades de Informação e Comunicação* face a 2011, evidenciada pelo indicador médio, foi suportada pela maioria das empresas. De facto, embora haja um ligeiro agravamento do valor do primeiro quartil (1 p.p.) face a 2011, a mediana (1 p.p.) e o terceiro quartil (5 p.p.) sobem em 2012, mostrando uma situação menos negativa para a generalidade das empresas. Destaque ainda para o facto de a média da taxa de crescimento do volume de negócios das *Atividades de Informação e Comunicação* ser, em 2012, apenas 1 p.p. inferior ao valor da mediana da distribuição (Gráfico 10).

A menor quebra no volume de negócios face a 2011 é igualmente visível ao nível dos segmentos de atividade que compõem este setor. Ainda assim, mais de metade das empresas em qualquer um dos segmentos diminuiu o seu volume de negócios face a 2011. Por último, é de notar a elevada dispersão de resultados

nas *Telecomunicações*, onde mais de um quarto das empresas, em 2012, aumentou o seu volume de negócios em mais de 50%, enquanto outra parcela equivalente de empresas exibiu decréscimos superiores a 34%.

3.2.2. Custos da atividade operacional¹²

Os custos da atividade operacional do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* seguiram a tendência de evolução do volume de negócios em 2012, tendo registado uma diminuição da mesma ordem de grandeza (6%).

Por componentes de custos, apesar de diferentes graus de intensidade, a evolução negativa foi um factor comum. A componente Custo das Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas (CMVMC) registou a queda mais acentuada (8%), seguida dos custos com o pessoal (7%). No entanto, o comportamento dos custos da atividade operacional deste setor é maioritariamente determinado pela evolução dos Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) que recuaram 6% (Gráfico 11).

A decomposição da estrutura dos custos da atividade operacional do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* evidencia o impacto dos FSE na evolução do agregado. Esta componente representava, em 2012, aproximadamente 63% dos custos da atividade operacional do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, enquanto os custos com o pessoal representavam 24% e os CMVMC apenas 13% (Quadro 7).

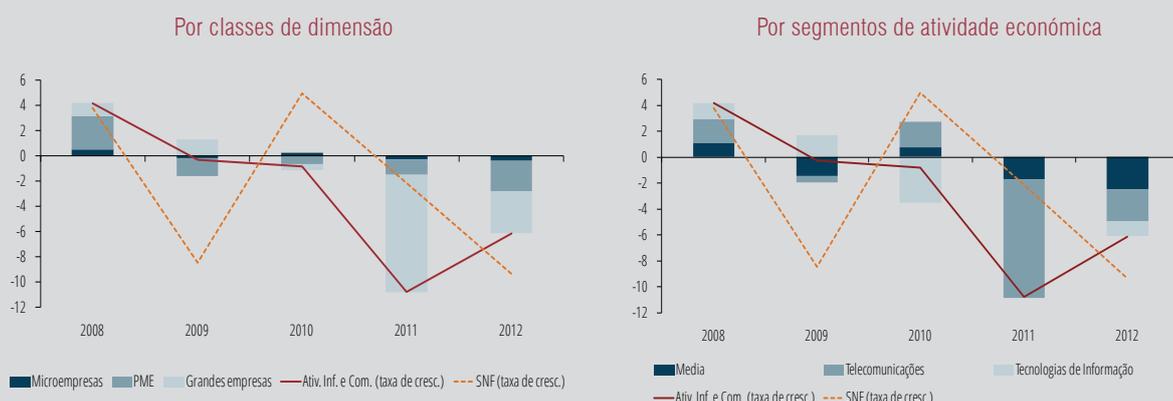


Gráfico 9 •
Volume de negócios | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)

Comparativamente com as SNF, o setor em análise revelava um peso substancialmente inferior dos CMVMC (-46 p.p.), compensado pela maior relevância tanto dos FSE (+38 p.p.), como dos custos com o pessoal (+9 p.p.).

Todas as classes de dimensão das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* apresentavam sensivelmente a mesma estrutura de custos da atividade operacional, ainda que as empresas de menor dimensão (microempresas e PME) apresentassem maiores parcelas afetas aos custos com o pessoal.

Atendendo aos segmentos de atividade económica, a estrutura de custos também era dominada pelos FSE seguidos dos custos com o pessoal. Porém, é de realçar a relevância que os FSE assumiam nas *Telecomunicações* (77%), assim como o maior peso relativo que os custos com o pessoal tinham nas *Tecnologias de Informação* (38%).

Observando a evolução dos custos da atividade operacional, verifica-se uma diminuição de todas as componentes em todas as classes de dimensão e segmentos de atividade económica. Por dimensão das empresas, a redução dos custos da atividade operacional foi mais acentuada

Gráfico 10 •
Volume de negócios | Distribuição por quartis e média ponderada da taxa de crescimento anual

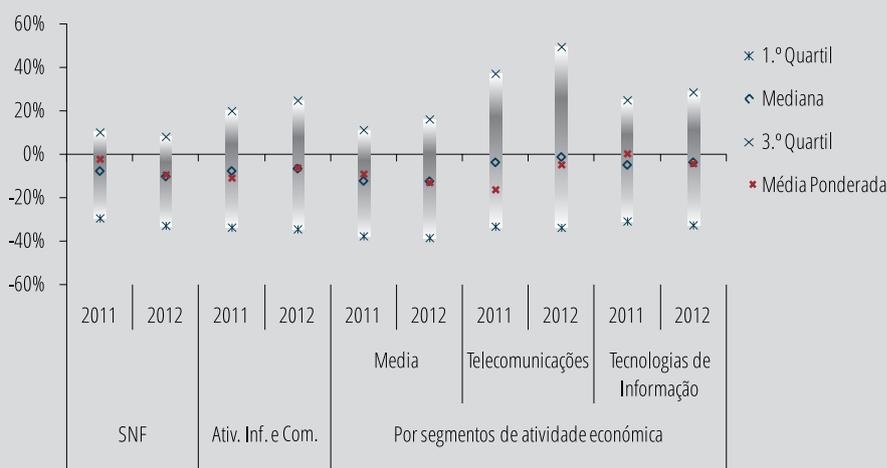
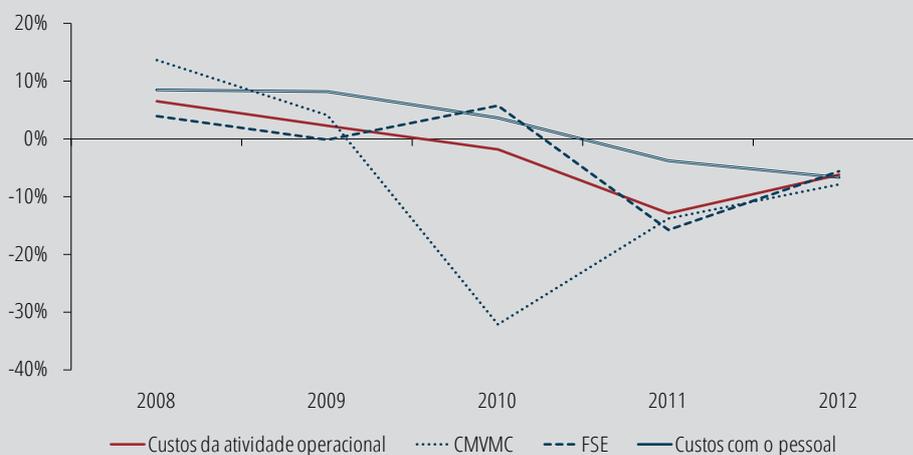


Gráfico 11 •
Custos da atividade operacional | Taxa de crescimento anual



nas PME (10%), do que nas microempresas (7%) e nas grandes empresas (4%). Por segmentos de atividade económica, o maior decréscimo verificou-se nos *Media* (13%), que compara com quebras superiores a 4% nas *Telecomunicações* e nas *Tecnologias de Informação*.

Quadro 7 • Custos da atividade operacional | Estrutura e taxa de crescimento anual (2012)

Análise	Rubrica	SNF	Ativ. Inf. e Com.	Por classes de dimensão			Por segmentos de atividade económica		
				Micro	PME	Grandes	Media	Tele-com.	Tecn. de Inf.
Estrutura	CMVMC	58.8%	12.7%	14.5%	14.5%	11.7%	17.0%	9.2%	15.1%
	FSE	25.7%	63.2%	56.2%	52.4%	69.1%	57.2%	77.3%	46.9%
	Custos com o pessoal	15.5%	24.0%	29.3%	33.1%	19.2%	25.8%	13.5%	38.0%
Taxa de crescimento anual	CMVMC	-7.6%	-8.0%	-9.3%	-13.9%	-4.1%	-17.0%	-5.2%	-3.2%
	FSE	-12.3%	-5.7%	-7.1%	-10.1%	-3.9%	-12.5%	-3.7%	-4.8%
	Custos com o pessoal	-8.6%	-6.7%	-3.8%	-8.3%	-6.0%	-10.0%	-7.8%	-4.6%
	Custos atividade operacional	-9.0%	-6.2%	-6.5%	-10.1%	-4.3%	-12.6%	-4.4%	-4.5%

Caixa 1 | Relevância do exterior na atividade operacional das empresas do setor das Atividades de Informação e Comunicação

Procede-se nesta Caixa à avaliação da importância do mercado externo na atividade operacional das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, com base nos dados da IES¹³.

Em 2012, o mercado externo justificou 11% do volume de negócios do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (21% nas SNF). Este valor reflete um aumento de 1 p.p. face a 2011, que resultou quer da quebra do mercado interno, quer da aceleração do mercado externo.

Neste setor, ao contrário do que se verifica no agregado das empresas em Portugal, a classe das grandes empresas é a que tem menor peso das exportações no total do volume de negócios (7%). Nas PME e nas microempresas, o peso do mercado externo no total do volume de negócios aproxima-se dos 22% e 16%, respetivamente (Gráfico 12). Por comparação com 2011, estes valores representam acréscimos de 3 p.p. para as PME, 2 p.p. para as microempresas e 1 p.p. para as grandes empresas.

Por segmentos de atividade económica, as *Tecnologias de Informação* exportaram uma parcela mais significativa dos respetivos volumes de negócios (21%), comparativamente com os *Media* e as *Telecomunicações* (12% e 6%, respetivamente).

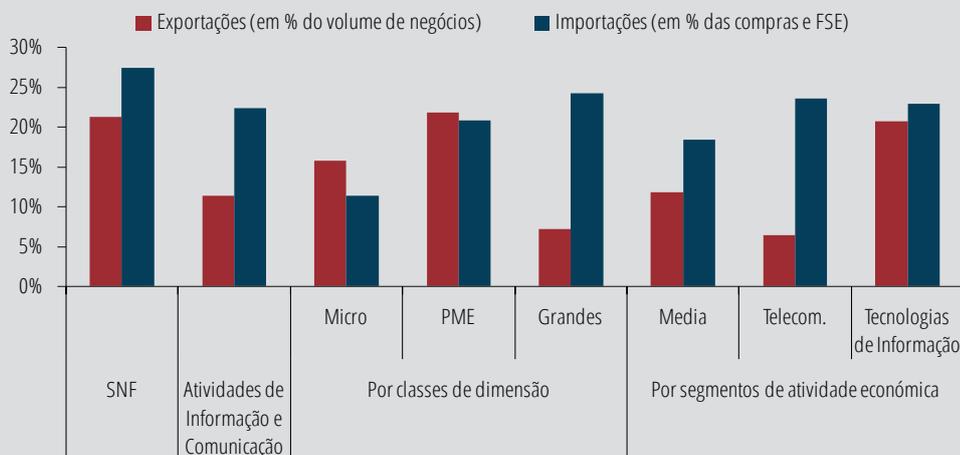
Relativamente às importações, o peso do mercado externo nas aquisições de bens e serviços das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* foi de 22% em 2012 (21% em 2011). No agregado das empresas em Portugal este valor situou-se em 27% (28% em 2011).

As grandes empresas e as PME adquiriram, respetivamente, 24% e 21% das suas compras e fornecimentos e serviços externos a entidades não residentes. Esta proporção foi mais baixa nas microempresas, na medida em que somente 11% das suas compras e FSE vieram do exterior.

No que respeita aos segmentos que compõem o setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, as *Telecomunicações* e as *Tecnologias de Informação* foram as atividades com as maiores parcelas de compras e FSE associadas às importações (24% e 23%, respetivamente).

O setor das *Atividades de Informação e Comunicação* apresentou, quer em 2011, quer em 2012, saldos mais negativos nas suas relações com o exterior, comparativamente com o agregado das SNF. No entanto, a situação deste indicador evoluiu positivamente, tanto no setor, ainda que de forma ligeira, como nas SNF (Gráfico 13).

Gráfico 12 • Exportações e importações de bens e serviços (2012)



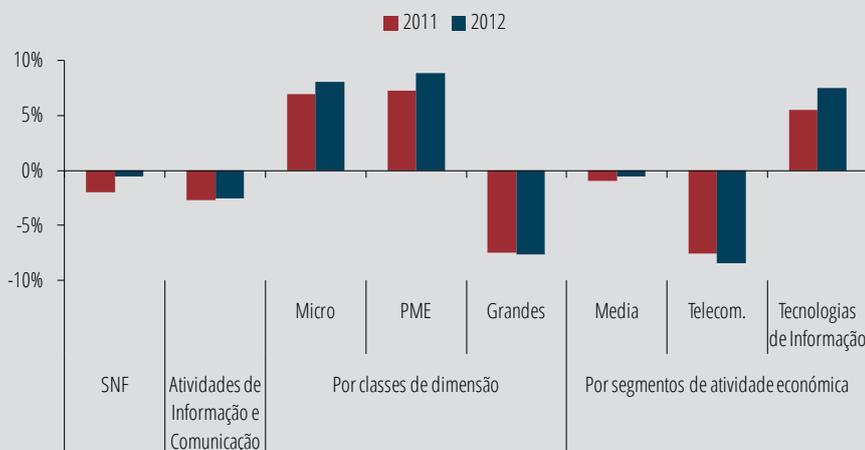
O saldo das transações de bens e serviços com o exterior, em percentagem do volume de negócios, reflete que, em 2012, as importações do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* excederam as exportações em 3% do volume de negócios, o que compara com 1% para o agregado das SNF.

Destaque-se as microempresas do setor em análise que apresentaram, invariavelmente, saldos positivos na sua atividade com o exterior durante todo o período em análise. A mesma situação foi registada pelas PME do setor nos últimos três anos, com as exportações a excederem as importações em 9% em 2012, o que corresponde a um aumento de 9 p.p. face a 2009. Pelo contrário, as grandes empresas do setor registaram, em todo o período analisado, um saldo negativo nas suas transações com o exterior, com as importações a exceder as exportações em 8% do respetivo volume de negócios em 2012 (aumento de 3 p.p. face a 2008).

Por segmentos de atividade económica, as atividades associadas às *Telecomunicações* e aos *Media* registaram saldos negativos nas respetivas operações comerciais com o exterior em todo o período em análise, com o primeiro segmento a ser responsável pelos saldos mais negativos (8% nas *Telecomunicações* e 1% nos *Media*, em 2012). Por sua vez, as *Tecnologias de Informação* revelaram ter maior abertura ao exterior, apresentando saldos

positivos crescentes desde 2010 (saldo de 8% em 2012, que corresponde a um aumento de 6 p.p. face a 2009).

Gráfico 13 • Transações de bens e serviços com o exterior (saldo em 2011 e 2012)



3.2.3. EBITDA¹⁴

A evolução da atividade operacional do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, em 2012, refletiu-se na quebra de 1% no EBITDA, face a 2011. Esta evolução, embora negativa, compara favoravelmente com o agregado das SNF, onde no mesmo período, o EBITDA diminuiu 25% (Gráfico 14).

Para a evolução do EBITDA das *Atividades de Informação e Comunicação* contribuíram, em larga medida, as grandes empresas do setor, com uma taxa de crescimento anual de -4%. Ao nível dos segmentos de atividade que compõem o setor em estudo, verificaram-se evoluções distintas do EBITDA. As *Telecomunicações* registaram uma queda de 2% (contributo de 2 p.p. para a redução do EBITDA do setor), enquanto os *Media* viram o respetivo EBITDA aumentar em 3% (contributo positivo de 0.2 p.p. para a evolução do EBITDA do setor). Por sua vez, o EBITDA das *Tecnologias de Informação* manteve-se inalterado.

A informação individual permite verificar que 35% das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* apresentou EBITDA negativo em 2012, proporção que compara com 39% no conjunto das SNF. No entanto, é de notar que no setor em estudo, este indicador se manteve sensivelmente ao mesmo

nível de 2011, enquanto nas SNF se registou um acréscimo de aproximadamente 3 p.p. (Quadro 8).

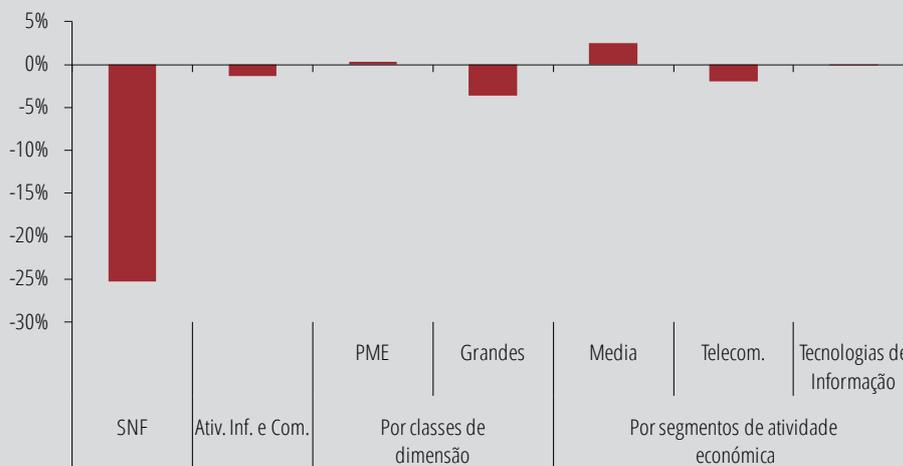
A proporção de empresas com EBITDA negativo no setor em análise é menor nas classes de dimensão superior. Em 2012, perto de 37% das microempresas registaram EBITDA negativo, ao passo que no conjunto das grandes empresas esta proporção não chegou a 11%. É ainda de notar que a percentagem de empresas com EBITDA negativo diminuiu nas PME e nas grandes empresas, face a 2011 (0.4 p.p. e 1.9 p.p., respetivamente), tendo aumentado ligeiramente nas microempresas (0.6 p.p.).

Considerando os diferentes segmentos de atividade económica, mais de 42% das empresas das *Telecomunicações* registaram EBITDA negativo, parcela que ascendeu a 38% nos *Media* e 33% nas *Tecnologias de Informação*. As *Telecomunicações* foram o segmento de atividade a registar o maior aumento da percentagem de empresas com EBITDA negativo face a 2011 (3 p.p.).

3.2.4. Rendibilidade dos capitais próprios¹⁵

A rendibilidade dos capitais próprios do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* em 2012 foi de 2%, o que corresponde a um aumento de 2 p.p. face ao ano anterior. Esta

Gráfico 14 •
EBITDA | Taxa de crescimento anual (2012)



Nota: Indicador não apresentado para o agregado das microempresas em 2012, em virtude desta classe apresentar EBITDA negativo em 2011.

Quadro 8 • EBITDA | Peso das empresas com EBITDA negativo

	SNF	Atividades de Informação e Comunicação	Por classes de dimensão			Por segmentos de atividade económica		
			Micro	PME	Grandes	Media	Telecom.	Tecn. de Inf.
2011	36.4%	34.8%	36.3%	22.2%	12.8%	38.4%	39.5%	32.0%
2012	39.1%	35.3%	36.9%	21.8%	10.9%	38.2%	42.5%	32.9%

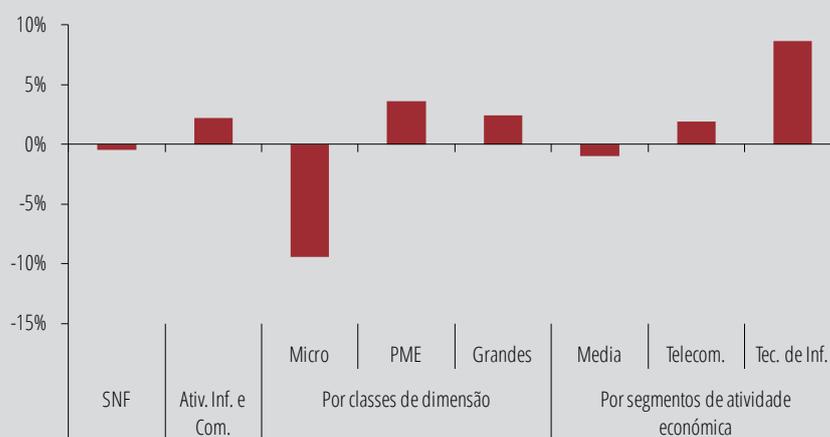
evolução positiva contrasta com o observado no agregado das SNF, onde se verificou um decréscimo de 3 p.p. (-0.5% em 2012).

A melhoria deste indicador de rentabilidade no setor em estudo foi generalizada a todos os segmentos de atividade económica. Em 2012, a rentabilidade dos capitais próprios das *Telecomunicações* situou-se em 2% (aumento de 2 p.p. face a 2011) e a das *Tecnologias de Informação* ascendeu a 9% (aumento de 1 p.p. face a 2011). Apenas os *Media* registaram uma rentabilidade dos capitais próprios negativa (-1%), ainda assim, 3 p.p. acima do valor de 2011 (Gráfico 15).

Por classes de dimensão, em 2012, a rentabilidade média das microempresas foi negativa em 9%, enquanto nas PME e nas grandes empresas este indicador foi positivo, tendo

ascendido a 4% e 2%, respetivamente. A rentabilidade negativa das microempresas foi uma constante em todo o período analisado.

A distribuição por quartis da rentabilidade dos capitais próprios¹⁶ do setor em estudo revela o posicionamento favorável do setor, face ao verificado no agregado das SNF (melhor posicionamento dos vários pontos de distribuição, quer em 2011, quer em 2012). A diferença entre o valor central (mediana) da distribuição (4%) e a média (2%) reduziu em 2012 para 2 p.p., depois de se ter situado acima dos 5 p.p. em 2011 (Gráfico 16). Este resultado revela que a rentabilidade média do setor sofreu, em 2012, um menor enviesamento causado por valores extremos, sendo assim mais representativa da situação da generalidade das empresas do setor.

**Gráfico 15 • Rentabilidade dos capitais próprios (2012)**

Independentemente da classe de dimensão, no setor em apreço, mais de metade das empresas apresentaram rendibilidades positivas, apesar da rendibilidade média ter sido negativa nas microempresas (9%). Nas grandes empresas, o nível da rendibilidade média (2%) resultou do impacto de um grupo reduzido de empresas, dado que metade das empresas desta classe de dimensão registou rendibilidades superiores a 11%.

Por segmentos de atividade, mais de metade das empresas das *Telecomunicações* e das *Tecnologias de Informação* teve, em 2012, rendibilidades superiores a 5%, ao passo que o valor da mediana dos *Media* se ficou por 2%. De destacar ainda que um quarto das empresas das *Telecomunicações* teve rendibilidades dos capitais próprios superiores a 33% (26% nas *Tecnologias de Informação* e 19% nos *Media*).

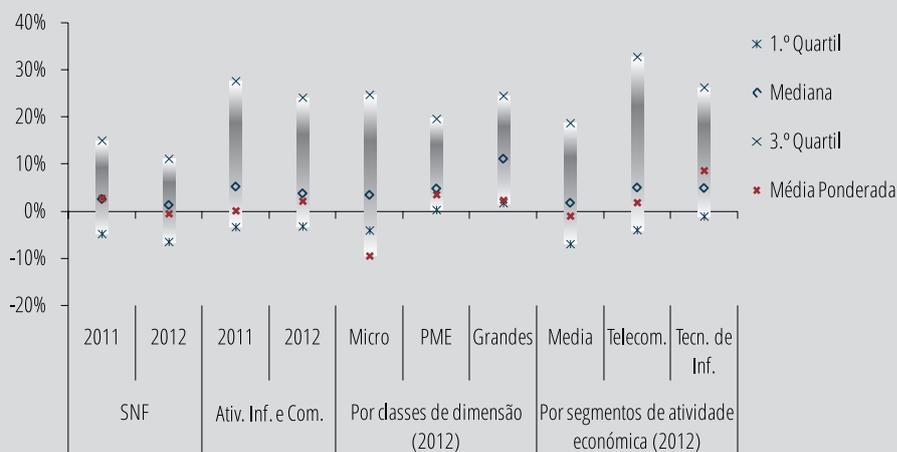
3.3. Situação financeira

3.3.1. Estrutura financeira

De acordo com a informação da Central de Balanços, em 2012, o rácio de autonomia financeira do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* situou-se em 45%, acima dos 30% verificados no agregado das SNF. Face a 2008, a autonomia financeira do setor em estudo cresceu 12 p.p., enquanto nas SNF houve uma diminuição de aproximadamente 4 p.p..

A análise dos dados individuais revela que o diferencial observado entre os dois agregados, ao nível do valor médio do rácio de autonomia financeira, não reflete a situação genérica das empresas que os compõem. A distribuição por quartis apresentada no Gráfico 17 ilustra esta situação, havendo uma grande semelhança entre ambas as distribuições. O valor relativamente mais elevado do indicador médio nas *Atividades de Informação e Comunicação* é muito influenciado por um subconjunto de empresas com elevada capitalização e com maior peso no setor. Desta forma, a média deste indicador em 2012 situou-se quase 20 p.p. acima da mediana, enquanto nas SNF o diferencial foi de apenas 6 p.p.. Nesse ano, a mediana no setor *Atividades de Informação e*

Gráfico 16 •
Rendibilidade dos capitais próprios | Distribuição por quartis e média ponderada



Comunicação foi de 26%, o que revela que, em pelo menos metade das empresas, 74% do ativo foi financiado por capital alheio.

Comparando a situação de 2012 com a observada em 2008, verifica-se um acréscimo da heterogeneidade na autonomia financeira das empresas que compõem o setor *Atividades de Informação e Comunicação*. Esta situação é visível, quer no aumento do valor do terceiro quartil (6 p.p.), quer na diminuição do valor do primeiro quartil (3 p.p.). Deste modo, o intervalo interquartil passou de 60 p.p. em 2008, para 68 p.p. em 2012.

A análise por segmentos de atividade económica mostra que, o enviesamento positivo do indicador médio das *Atividades de Informação e Comunicação* teve origem essencialmente nas *Telecomunicações*, onde a média do rácio

de autonomia financeira (49%), se situou 32 p.p. acima da mediana. Saliente-se ainda o facto de, embora em termos médios, esta atividade apresentar os valores mais elevados, qualquer dos respetivos quartis situa-se a um nível inferior ao registado pelos *Media* e pelas *Tecnologias de Informação*.

De entre as empresas com nível reduzido de capitais próprios, apresentam particular vulnerabilidade as que exibem autonomia financeira negativa (capitais próprios negativos), parcela que atingia mais de 28% das empresas nas *Atividades de Informação e Comunicação* (sensivelmente a mesma proporção nas SNF). Este indicador sofreu um aumento de 1 p.p. relativamente a 2011 (2 p.p. nas SNF) (Quadro 9).

Atendendo ao segmento de atividade económica, a situação de capitais próprios negativos

Quadro 9 • Autonomia financeira | Peso das empresas com valores negativos

Ano	SNF	Atividades de Informação e Comunicação	Por segmentos de atividade económica		
			Media	Telecom.	Tecnologias de Informação
2011	27.3%	27.5%	31.0%	34.8%	24.5%
2012	29.2%	28.5%	31.3%	37.5%	26.0%

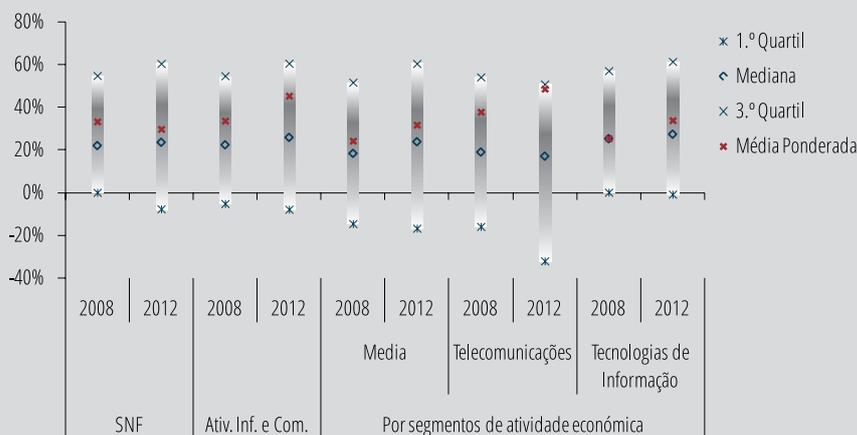


Gráfico 17 • Autonomia financeira | Distribuição por quartis e média ponderada

em 2012 foi registada em 38% das empresas das *Telecomunicações* e 31% das empresas associados aos *Media*, ao passo que nas *Tecnologias de Informação* essa parcela se situava em 26%. Comparativamente a 2011, estas proporções aumentaram 3 p.p. nas *Telecomunicações*, 1 p.p. nas *Tecnologias de Informação* e 0.3 p.p. nos *Media*.

À semelhança do que se verifica para a generalidade dos setores de atividade económica em Portugal, o recurso a capital alheio é a forma principal de financiar a atividade do setor em estudo, o que justifica uma análise mais detalhada das fontes de financiamento utilizadas.

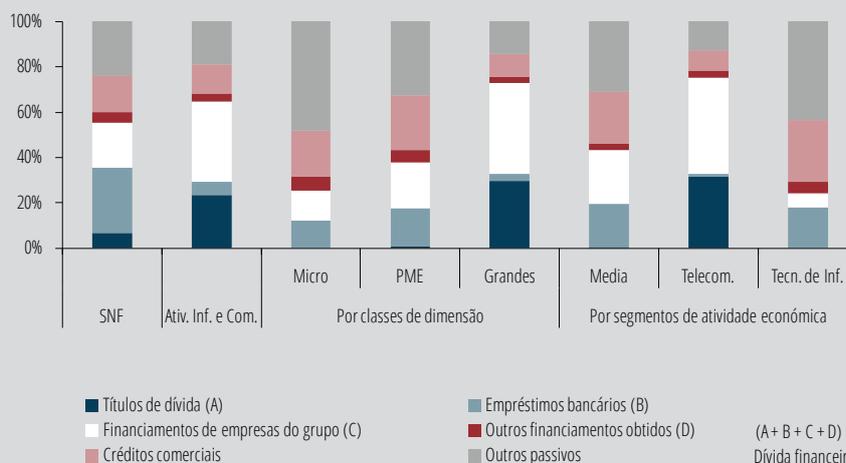
O passivo do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* contraiu aproximadamente 5% em 2012, depois de já ter decrescido 8% em 2011 (Quadro 10). Com exceção dos títulos de dívida, que cresceram 39% (contributo de 6 p.p. para o agregado), e dos créditos comerciais, que mantiveram o nível, todas as restantes componentes do passivo diminuíram em 2012, face ao ano anterior.

Em termos de estrutura, em 2012, o peso conjunto da dívida financeira e dos créditos comerciais no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* foi superior em 5 p.p., ao verificado no agregado das SNF (Gráfico 18). Estas componentes representavam, respetivamente, 81% e 76% do total do passivo do setor e das SNF.

Quadro 10 • Passivo | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos das componentes (em p.p.)

	SNF	Ativ. Inf. e Com.	Componentes (contributos em p.p.)					Créditos comerciais	Outros passivos
			Títulos de dívida	Empréstimos bancários	Financ. de emp. do grupo	Outros financ. obtidos			
2011	-0.4%	-8.0%	-2.5	-0.7	-2.5	-0.9	-1.6	0.1	
2012	-7.2%	-4.5%	6.3	-1.7	-1.4	-2.0	0.0	-5.8	

Gráfico 18 • Estrutura do passivo (2012)



Nota: A dívida financeira corresponde ao conjunto de financiamentos remunerados obtidos pela empresa, designadamente, através da emissão de títulos de dívida, empréstimos junto de instituições de crédito e sociedades financeiras, empréstimos junto de empresas do grupo ou, ainda, outros financiamentos obtidos. Foram excluídas da análise as componentes do passivo consideradas eminentemente contabilísticas, como sejam os diferimentos e as provisões. Desta forma, a classe "Outros passivos" incorpora as dívidas ao Estado e outros entes públicos, a acionistas e sócios (não remuneradas), outros passivos correntes e outras contas a pagar.

A composição da dívida financeira revela igualmente algumas diferenças significativas entre ambos os agregados. O setor em estudo destaca-se pela menor relevância dos empréstimos bancários como fonte de financiamento: em 2012 representavam apenas 8% da dívida financeira (48% nas SNF). Esta é uma situação que tem vindo a acentuar-se, dado que, em 2008 e 2010 o peso dos empréstimos bancários na dívida financeira do setor em estudo era de 18% e 11%, respetivamente. O menor recurso a empréstimos bancários é compensado por um maior volume de emissões de títulos de dívida e por financiamentos de empresas do grupo. Estes dois instrumentos representavam, em 2012, respetivamente, 35% e 52% da dívida financeira do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (11% e 33%, respetivamente, nas SNF).

A importância relativa das diferentes fontes de financiamento no total do passivo apresenta também divergências entre as diversas classes de dimensão e segmentos de atividade económica. Os empréstimos bancários¹⁷ exibiam maior relevo nas empresas de menor dimensão (12% nas microempresas e 17% nas PME), uma vez que no conjunto das grandes empresas esta componente representava apenas 3% do passivo, sendo largamente superada pela parcela associada aos financiamentos de empresas do grupo (40%).

No que respeita aos créditos comerciais, evidencia-se o peso desta componente nas *Tecnologias de Informação* (27%), superior ao peso associado aos respetivos empréstimos bancários (18%) na estrutura do financiamento alheio. Por último, a emissão de títulos de dívida¹⁸ destacou-se nas *Telecomunicações* (32%) e nas grandes empresas do setor (30%).

Caixa 2 | Empréstimos obtidos junto de instituições de crédito residentes em Portugal – caracterização com base na Central de Responsabilidades de Crédito¹⁹

Em 2012, o financiamento obtido através de empréstimos bancários concedidos por instituições de crédito (IC) residentes²⁰ representava 8% da dívida financeira e 6% do passivo total do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, parcelas significativamente inferiores às registadas no agregado das SNF (48% e 29%, respetivamente).

Nas *Atividades de Informação e Comunicação*, o financiamento por empréstimos bancários era quase exclusivamente obtido junto do setor financeiro residente em Portugal. A proporção de empresas do setor em estudo com crédito obtido junto de IC residentes foi de 52% em 2012 (56% em 2011), sendo inferior à observada no agregado das SNF (61%).

Com base na informação disponível na Central de Responsabilidades de Crédito (CRC) do Banco de Portugal, procede-se nesta Caixa a uma análise mais detalhada da componente da dívida financeira relacionada com os empréstimos obtidos junto de IC residentes em Portugal, com especial incidência na informação mais recente, relativa ao final de 2013.

No total dos empréstimos bancários concedidos por IC residentes às empresas em Portugal, o crédito concedido às *Atividades de Informação e Comunicação* representava cerca de 1%. Este peso manteve-se relativamente constante ao longo dos últimos cinco anos.

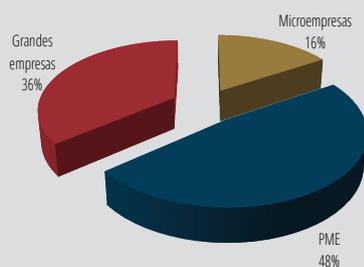
Por classes de dimensão, no final de 2013, as PME e as grandes empresas eram responsáveis por parcelas equivalentes a, respetivamente, 48% e 36% do total de crédito concedido ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, enquanto as microempresas detinham os restantes 16% (Gráfico 19). Por atividade económica, o segmento dos *Media* era responsável pela maior parcela (46%) do crédito concedido ao setor, seguido das *Tecnologias de Informação* (41%) e das *Telecomunicações* (13%).

A evolução do crédito ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação* compara negativamente com a do agregado das SNF desde 2012. Após uma redução de 17% em 2012 (redução de 8% nas SNF), o crédito concedido ao setor em análise caiu 14% no último ano (quebra de 7% nas SNF).

Em 2013, registaram-se evoluções negativas no crédito concedido a todos os segmentos de atividade do setor em análise. As *Telecomunicações* destacaram-se com a maior contração (33%, representando um contributo de -5 p.p. para a taxa de variação agregada). Não obstante, os *Media* foram a atividade com maior contributo para a evolução negativa do crédito ao setor em estudo, o que resulta do facto de esta atividade deter 46% do crédito concedido ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação* e ter registado uma contração de 15% no respetivo crédito bancário,

Gráfico 19 • Financiamento obtido junto de IC residentes

Estrutura por classes de dimensão das empresas (2013)



Taxas de crescimento anuais (em %) e contributos (em p.p.) por segmentos de atividade económica



determinando assim um contributo de -7 p.p. para a redução de 14 p.p. do crédito concedido ao setor.

Ao nível dos indicadores de incumprimento, o rácio de crédito vencido²¹ do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* situou-se nos 7%, no final de 2013, um nível significativamente inferior ao registado pelo agregado das SNF em Portugal (13%) (Gráfico 20). Em termos evolutivos, o incumprimento no setor tem vindo a aumentar, embora a um ritmo inferior ao observado nas SNF. Em 2009 o diferencial entre os dois agregados era de 2 p.p., tendo-se agravado para 7 p.p. em 2013.

O rácio de crédito vencido diverge substancialmente entre classes de dimensão, sendo maior nas empresas de menor dimensão. Assim, no final de 2013, este indicador atingiu 16% nas microempresas, 8% nas PME e 0.8% nas grandes empresas. Em termos de evolução, embora todos os segmentos tenham revelado algum crescimento deste indicador desde

2010, este foi mais significativo nas microempresas (aumento de 11 p.p. de 2010 a 2013).

Por segmentos de atividade económica, os *Media* e as *Tecnologias de Informação* apresentaram rácios de crédito vencido de, respetivamente, 8% e 6%, enquanto nas *Telecomunicações* este rácio foi de 3%. À semelhança do observado para o total do setor, todos os segmentos de atividade registaram aumentos consecutivos deste indicador desde o final de 2010 (5 p.p. nos *Media*, 2 p.p. nas *Telecomunicações* e 4 p.p. nas *Tecnologias de Informação*).

No final de 2013, para o rácio de crédito vencido do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* contribuíram 24% das empresas com crédito junto de IC residentes, situação que compara com 23% no final de 2012 e com 17% no final de 2010 (Gráfico 21). No conjunto das SNF, esta proporção era de 30% no final de 2013 (29% no final de 2012 e 20% no final de 2010).

Gráfico 20 • Rácios de crédito vencido (no final do período)

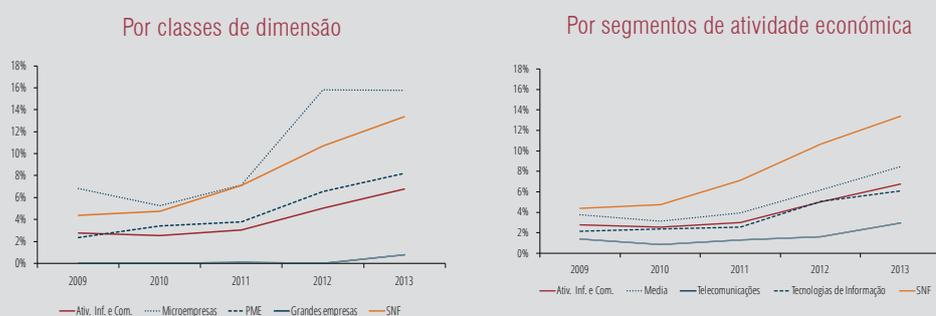
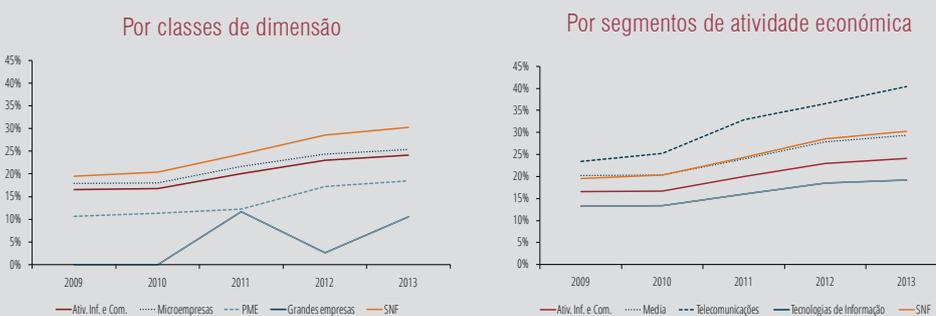


Gráfico 21 • Empresas com crédito vencido (no final do período)



Ao longo do período em análise, a classe das microempresas apresentou sempre a maior proporção de empresas em incumprimento (25%, no final de 2013), seguida das PME e das grandes empresas (respetivamente 18% e 11% no final de 2013). A parcela de empresas com crédito vencido nas microempresas e nas PME tem registado crescimentos consecutivos desde o final de 2010, enquanto nas grandes empresas esta tendência tem sido menos notória.

Por segmentos de atividade económica, 40% das empresas das *Telecomunicações* apresentavam crédito vencido no final de 2013. Já nos *Media* e nas *Tecnologias de Informação* esta proporção era de 29% e de 19%, respetivamente. A evolução deste rácio tem sido semelhante nas várias atividades, sendo de notar que as *Telecomunicações* foram a única atividade económica a registar valores superiores aos do agregado das SNF, situação que se verificou em todo o período em análise.

3.3.2. Custos financeiros e solvabilidade

Em 2012, os juros suportados pelas *Atividades de Informação e Comunicação* registaram um aumento de 2% face a 2011, que compara com uma diminuição de 1% no agregado das SNF (Gráfico 22). O aumento foi particularmente notório nas PME (10%). Nas grandes empresas, o crescimento foi mais reduzido (4%), ao passo que na classe das microempresas registou-se uma diminuição significativa dos juros suportados (47%), em resultado da redução significativa do financiamento por empréstimos bancários. Por segmentos de atividade económica, o agravamento dos juros suportados foi registado apenas nas *Telecomunicações* (4%). Pelo contrário, o encargo com juros diminuiu nas *Tecnologias de Informação* (16%) e nos *Media* (4%).

A análise dos dados individuais mostra, todavia, que, à semelhança do verificado no agregado das SNF, a média da taxa de crescimento dos juros suportados pelo setor das *Atividades de Informação e Comunicação* em 2012 (2%) não é representativa da situação da maioria das empresas do setor. Com efeito, o valor médio está significativamente acima do valor da mediana (-22%), refletindo um

enviesamento do resultado causado por um quarto das empresas do setor com crescimentos dos juros suportados superiores a 36%.

O enviesamento do valor médio da taxa de crescimento dos juros suportados é válido para os três segmentos de atividade que compõem o setor em análise. As distribuições por quartis deste indicador revelam que, em 2012, um quarto das empresas de cada segmento de atividade registaram reduções dos juros suportados superiores a 60% (77% nos *Media*, 61% nas *Telecomunicações* e 78% nas *Tecnologias de Informação*). Verifica-se ainda que metade das empresas apresentaram reduções superiores a 23% dos juros suportados nos *Media* (compara com uma redução média de 4%), 14% nas *Telecomunicações* (compara com um crescimento médio de 4%), e 22% nas *Tecnologias de Informação* (compara com uma diminuição média de 16%).

Ao longo de todo o período analisado, a pressão financeira associada ao setor das *Atividades de Informação e Comunicação* foi menor do que a registada no agregado das SNF. Em 2012, cerca de 19% do EBITDA gerado pelo setor foi utilizado para pagamento de juros, enquanto que no agregado das SNF essa proporção foi

de 37% (Quadro 11). Estes valores refletem um aumento de 9 p.p. face a 2011 no agregado das SNF, e de 0.6 p.p. no setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, para o qual contribuíram de forma semelhante o aumento dos juros suportados e o decréscimo do EBITDA.

Por classes de dimensão, o nível de pressão financeira registado nas PME e nas grandes empresas foi similar ao do setor como um todo (20% nas PME e 19% nas grandes empresas, face a 19% no setor). Por segmentos de atividade económica, apenas nas *Tecnologias de Informação* foi registado um nível de pressão financeira inferior ao do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (9%). Nos *Media* e nas *Telecomunicações*, a pressão financeira

ascendeu a 23% e 20%, respetivamente, tendo diminuído 2 p.p. no primeiro segmento e aumentado 1 p.p. no segundo, face a 2011 (-2 p.p. no caso das *Tecnologias de Informação*).

Quadro 11 • Peso dos juros suportados no EBITDA | Por classes de dimensão e segmentos de atividade económica

	SNF	Ativ. Inf. e Com.	Por classes de dimensão		Por segmentos de atividade económica		
			PME	Grandes	Media	Telecom.	Tecn. de Inf.
2011	28.2%	18.6%	18.3%	17.4%	24.2%	19.1%	10.2%
2012	37.2%	19.2%	20.2%	18.8%	22.5%	20.3%	8.6%

Nota: Indicador não calculado para o agregado das microempresas em 2011 e 2012 em virtude desta classe apresentar EBITDA negativo.

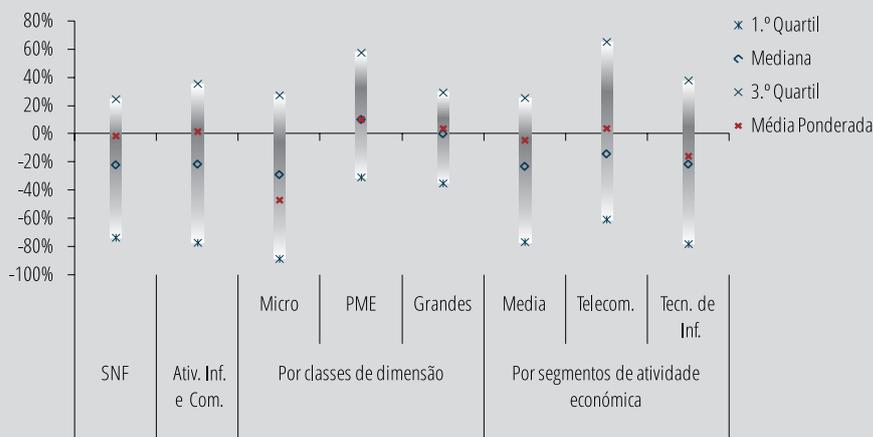


Gráfico 22 • Juros suportados | Distribuição por quartis e média ponderada da taxa de crescimento anual (2012)

Caixa 3 | Crédito obtido através da emissão de títulos de dívida – caracterização com base no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos²²

A emissão de títulos de dívida é uma fonte de financiamento de considerável relevância para as *Atividades de Informação e Comunicação*. Em 2012, o financiamento por esta via representava 35% da dívida financeira e 24% do passivo total do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (compara com 11% e 7%, respetivamente, no agregado das SNF). Com base na informação disponível no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos do Banco de Portugal é efetuada, nesta Caixa, uma breve caracterização desta fonte de financiamento, com especial incidência na informação mais recente, à data desta publicação, relativa a dezembro de 2013.

O montante total do financiamento por títulos de dívida obtido pelas empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* era superior a 4 mil milhões de euros no final de 2013, tendo diminuído 3% face ao final de 2012. O decréscimo registado em 2013 deveu-se às grandes empresas, responsáveis por mais de 99% do montante de títulos emitidos por empresas do setor, e às *Telecomunicações*, com mais de 77% do stock de títulos do setor (32% do passivo associado a títulos de dívida em 2012).

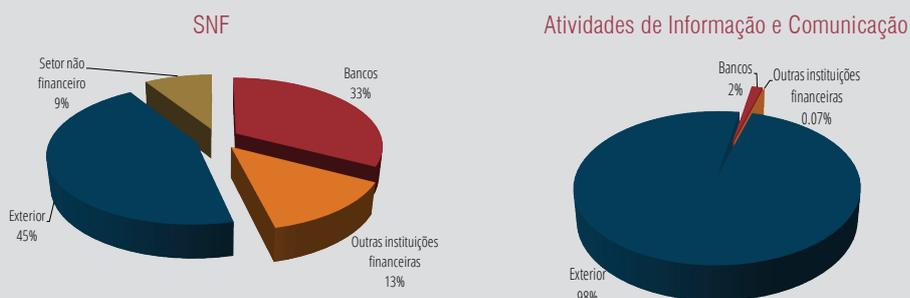
Considerando a maturidade dos títulos de dívida emitidos pelas empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, as emissões de curto prazo eram mais relevantes (86% em 2013). Nas classes de menor dimensão (microempresas e PME) a totalidade do stock de títulos de dívida era de curto prazo, e nas grandes empresas o seu peso era de 86%. Já atendendo

aos segmentos de atividade económica que compõem o setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, as emissões efetuadas por empresas dos segmentos das *Telecomunicações* e das *Tecnologias de Informação* encontravam-se integralmente associadas ao curto prazo, sendo que apenas no segmento dos *Media* se registaram emissões de longo prazo (59% das emissões totais do segmento).

A análise dos detentores dos títulos de dívida, que permite identificar os setores que concederam financiamento por esta via às empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, revela que, no final de 2013, 98% dos títulos emitidos pelas empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* eram detidos por não residentes, cabendo às instituições bancárias residentes uma parcela de 2% (Gráfico 23). No conjunto das SNF verificou-se um peso mais reduzido do exterior (45%), que era compensado pelos bancos residentes (33%).

No período 2008-2011 verificou-se um alargamento da exposição do sistema bancário residente às emissões de títulos de dívida de empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*. No final de 2011, 20% dos títulos de dívida emitidos por estas empresas eram detidos pelo sistema bancário residente, valor que compara com 1% em 2008.

Gráfico 23 • Detentores de títulos de dívida (2013)



3.3.3. Financiamento por dívida comercial

O financiamento por dívida comercial representou 13% do passivo do setor das *Atividades de Informação e Comunicação*, em 2012 (12% em 2011). No mesmo ano, no agregado das SNF, os créditos comerciais representaram 16% do respetivo passivo (17% em 2011).

Os prazos médios de recebimentos aumentaram, em 2012, no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* e diminuíram no agregado das SNF (Gráfico 24). O prazo médio de recebimentos do setor fixou-se em 91 dias (+1 dia face a 2011), enquanto o do agregado das SNF se fixou em 75 dias (-1 dia face a 2011). Ao nível do prazo médio de pagamentos, este foi de 106 dias no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* em 2012 (aumento de 8 dias face ao verificado em 2011) e de 82 dias para as SNF (diminuição de 2 dias face ao verificado em 2011) (Gráfico 25). Observa-se, portanto, que o setor em estudo apresenta prazos médios mais dilatados que as SNF, situação particularmente notória ao nível dos pagamentos.

As microempresas das *Atividades de Informação e Comunicação* mantiveram os prazos médios de recebimentos mais elevados (152 dias em 2012), seguidas das PME (128 dias), ainda que, face a 2011, as segundas tenham registado um acréscimo superior (+6 dias, que compara com +2 dias nas microempresas). Por sua vez, as grandes empresas apresentaram, em todo o período analisado, prazos médios de recebimentos mais reduzidos (72 dias em 2011 e 2012).

Ao nível dos prazos médios de pagamentos, as grandes empresas apresentaram, igualmente, valores mais reduzidos por comparação com as restantes classes de dimensão (98 dias em 2012, 87 dias em 2011), sendo mesmo a única classe a registar, sucessivamente, prazos médios de pagamentos superiores aos respetivos prazos médios de recebimentos (diferencial que ascendeu a 25 dias em 2012). Nas microempresas e nas PME, os prazos médios de pagamentos ascenderam, em 2012, a 141 dias e 117 dias, respetivamente. Face ao

observado em 2011, registou-se um aumento de 5 dias nas PME e uma diminuição de 5 dias nas microempresas.

Por segmentos de atividade económica, em 2012, os *Media* e as *Tecnologias de Informação* apresentaram os prazos médios de recebimentos mais elevados (116 dias e 120 dias, respetivamente), enquanto as *Telecomunicações* registaram o valor mais reduzido (68 dias). Nos prazos médios de pagamentos, por comparação com o setor das *Atividades de Informação e Comunicação* como um todo, o segmento dos *Media* apresentou valores superiores (131 dias em 2012, face a 106 dias no setor). As *Telecomunicações* e as *Tecnologias de Informação* registaram prazos médios de pagamentos mais próximos do agregado (98 dias e 103 dias, respetivamente).

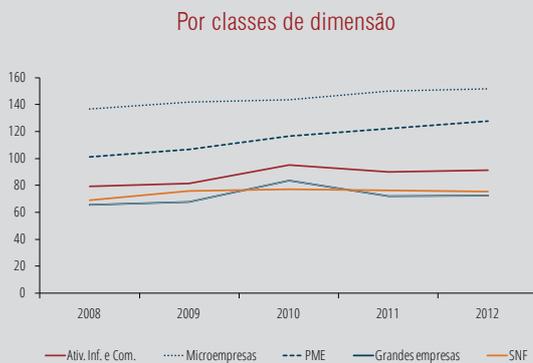
Os prazos médios dão uma indicação do desfasamento temporal associado aos recebimentos e aos pagamentos das dívidas que decorrem da atividade operacional das empresas. No entanto, não permitem aferir o grau de endividamento das empresas por essa via. É necessário complementar esta análise com um indicador líquido do financiamento por dívida comercial. O indicador selecionado relaciona os saldos de fornecedores e de clientes com o volume de negócios (Gráfico 26). Um valor negativo implica a existência de um saldo de clientes superior ao de fornecedores, significando que globalmente a empresa está a financiar os seus clientes; um valor positivo implica que o setor dispõe de um saldo de fornecedores superior ao saldo de clientes, ou seja, está a obter financiamento através dos seus fornecedores.

Nas *Atividades de Informação e Comunicação*, para todo o horizonte temporal considerado e em linha com o registado no agregado das SNF, o valor deste indicador foi negativo, o que revela que o setor não obteve financiamento, em termos líquidos, por via dos créditos comerciais. Em 2012, o indicador situou-se em -7% (-3% nas SNF), refletindo, no entanto, uma melhoria pelo segundo ano consecutivo (aumento de 2 p.p. face a 2010).

O detalhe por dimensão das empresas mostra que, em 2012, o saldo foi mais negativo nas microempresas e nas PME (-15% em ambas as classes). As grandes empresas apresentaram um financiamento líquido, em percentagem do volume de negócios, de -3%, tendo sido a única classe de dimensão a registar uma evolução favorável deste indicador no último ano (2 p.p.).

Por segmentos de atividade económica, as *Tecnologias de Informação* apresentaram sistematicamente os valores mais negativos neste indicador (-17% em 2012). No extremo oposto situaram-se as *Telecomunicações*, com um financiamento líquido, ainda negativo, mas com valores mais próximos do equilíbrio (-2% em 2012). De registar, no entanto, uma tendência de melhoria, desde 2010, em todos os segmentos de atividade.

Gráfico 24 •
Prazo médio de recebimentos | Em dias



Por segmentos de atividade económica

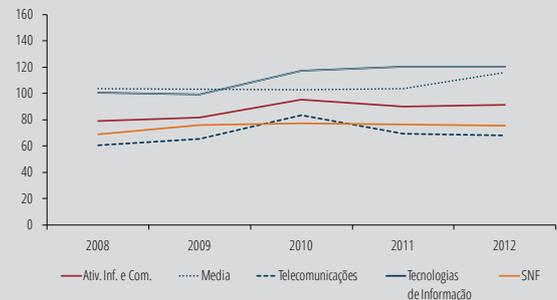
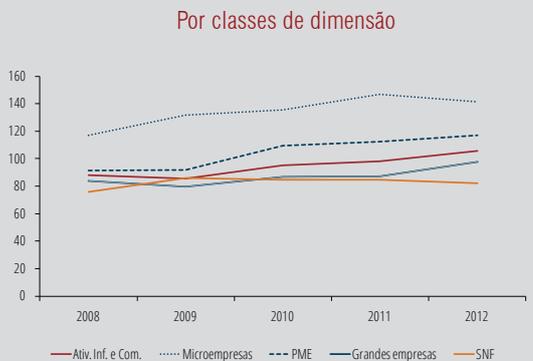


Gráfico 25 •
Prazo médio de pagamentos | Em dias



Por segmentos de atividade económica

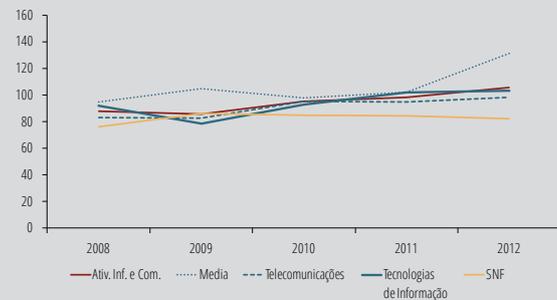
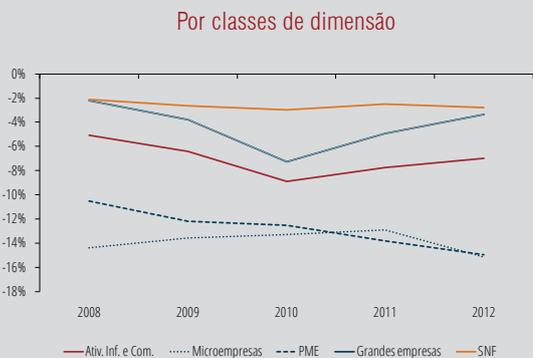
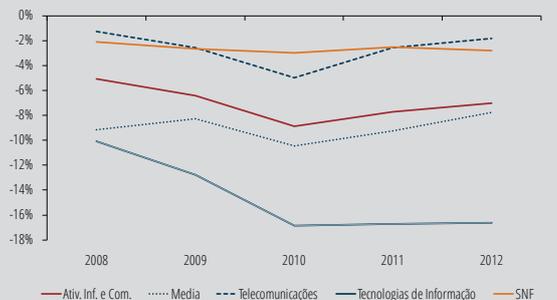


Gráfico 26 •
Financiamento líquido por dívida comercial | Em % do volume de negócios



Por segmentos de atividade económica



Nota: O financiamento líquido por dívida comercial foi calculado pela diferença entre o saldo de fornecedores (líquido de adiantamentos) e o saldo de clientes (líquido de adiantamentos e ajustamentos).

4. Comparação internacional a partir da base de dados BACH²³

Procede-se nesta Secção, à análise comparativa do desempenho das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* de nove países europeus, com base em dados relativos a 2012, disponíveis na base de dados *Bank for the Accounts of Companies Harmonized (BACH)*²⁴.

A comparação é desenvolvida para as empresas do setor a operar na Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália, Polónia, Portugal, e República Checa, com base em indicadores de rentabilidade e de estrutura de financiamento.

4.1. Rentabilidade

A Áustria e a República Checa foram os países com a rentabilidade dos capitais próprios mais elevada no setor das *Atividades de Informação e Comunicação* (17% em ambos os casos). Na situação oposta, surge a Itália com uma rentabilidade negativa de aproximadamente 5%. Portugal apresentou a segunda pior rentabilidade neste setor (3%), 6 p.p. abaixo da média dos países analisados.

A decomposição da rentabilidade dos capitais próprios, em três fatores explicativos, de acordo com o método de *Dupont* (rentabilidade líquida das vendas, rotação do ativo, e alavancagem financeira) permite analisar as diferentes estruturas e especificidades dos vários países europeus em consideração (Figura 1).

É assim possível observar que as maiores rentabilidades relativas da República Checa e da Áustria têm origens diferenciadas. Assim, enquanto no primeiro caso a elevada rentabilidade dos capitais próprios resulta, em larga medida, da rentabilidade das vendas (10%), com este país a apresentar o valor mais elevado, no segundo caso, a elevada alavancagem das empresas é o principal fator explicativo (390%), sendo a Áustria, o país onde as empresas do setor mais dependem de capitais alheios. De notar ainda que ambos os países apresentam os melhores indicadores ao nível da rotação do ativo (Quadro 12).

A rentabilidade dos capitais próprios das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* em Portugal é penalizada face à generalidade dos restantes países europeus,



Figura 1 •
Decomposição da rentabilidade dos capitais próprios (método de Dupont)

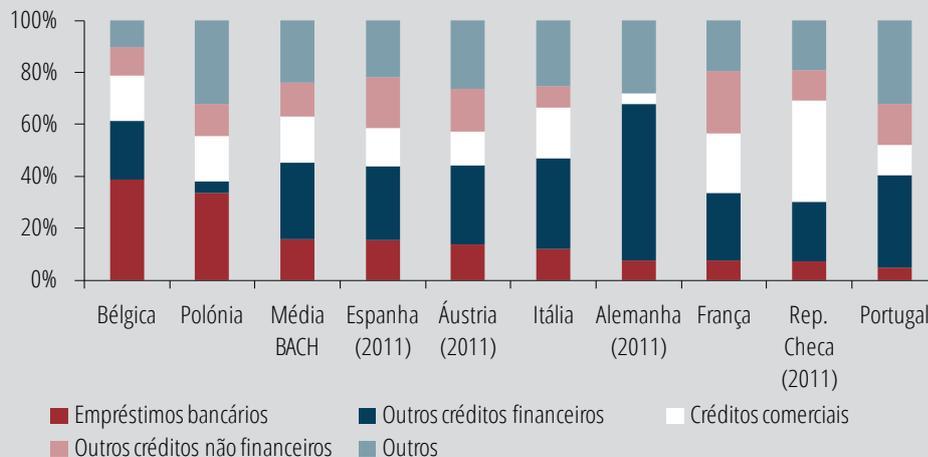
Quadro 12 • Decomposição da rentabilidade dos capitais próprios (2012)

Países	Rendibilidade dos capitais próprios	Rendibilidade líquida das vendas	Rotação do ativo	Alavancagem financeira
Áustria (2011)	17.2%	3.7%	118.8%	389.6%
República Checa (2011)	16.7%	9.7%	95.7%	179.9%
Bélgica	11.1%	8.1%	54.4%	253.2%
Espanha (2011)	10.8%	4.8%	80.1%	278.0%
Polónia	10.6%	7.5%	70.3%	200.9%
França	10.2%	4.7%	82.9%	260.0%
Alemanha (2011)	8.8%	8.2%	47.5%	228.0%
Portugal	3.3%	4.3%	34.7%	219.6%
Itália	-4.5%	-2.5%	51.2%	354.0%

em todos os fatores que a compõem, com destaque para a rotação do ativo, que é a mais reduzida de entre os países analisados. Ao contrário de muitas outras atividades em Portugal, este setor apresenta níveis relativos de capitais próprios superiores aos exibidos pela generalidade dos restantes países europeus.

4.2. Estrutura de financiamento e solvabilidade

Dada a importância dos capitais alheios no financiamento das empresas europeias, apresenta-se no Gráfico 27 a estrutura do passivo das empresas do setor das *Atividades de Informação e Comunicação* em 2012. De acordo com esta informação, os empréstimos

Gráfico 27 • Estrutura do passivo (2012)

Nota: Para a análise completa dos dados e das diferenças de financiamento dos diversos países é indispensável a consulta do *Userguide* da BACH. No caso da Áustria e da República Checa, os outros créditos financeiros e os outros créditos não financeiros foram obtidos por estimativa.

bancários foram particularmente relevantes na Bélgica e na Polónia, representando, respetivamente, 39% e 34% do passivo das empresas do setor, que compara com 16% da média dos países analisados. Pelo contrário, Portugal foi o país onde os empréstimos bancários representavam a menor parcela do passivo das empresas do setor (5%).

Com exceção da Bélgica, Polónia e República Checa, a maior fonte de financiamento das empresas do setor é a dívida financeira que não está associada a empréstimos bancários, ou seja, a dos outros créditos financeiros obtidos. Neste domínio, destaca-se a Alemanha, onde esta parcela representava 60% do passivo. Em Portugal, a dívida financeira, exceto empréstimos bancários, financiava 35% do passivo, um valor superior à média dos países em análise (29%).

O financiamento por via de créditos comerciais assumia maior relevância nas empresas da República Checa, onde representava 39% do passivo, constituindo, desta forma, a maior fonte de financiamento das empresas desse país. O peso dos créditos comerciais em Portugal (12%) situava-se abaixo da média dos países da BACH (18%). Com um valor inferior ao de Portugal, situava-se apenas a Alemanha, com os créditos comerciais a financiarem 4% do passivo das empresas.

A análise da pressão financeira, avaliada pelo peso dos juros suportados no EBITDA, destaca as empresas em Itália, Portugal e Polónia com os valores mais elevados neste indicador (Gráfico 28). Por contraponto, a menor pressão financeira foi observada na República Checa, onde a parcela do EBITDA utilizada no pagamento de juros foi de apenas 3%, o que se justifica pelo baixo peso da dívida financeira das empresas neste país.

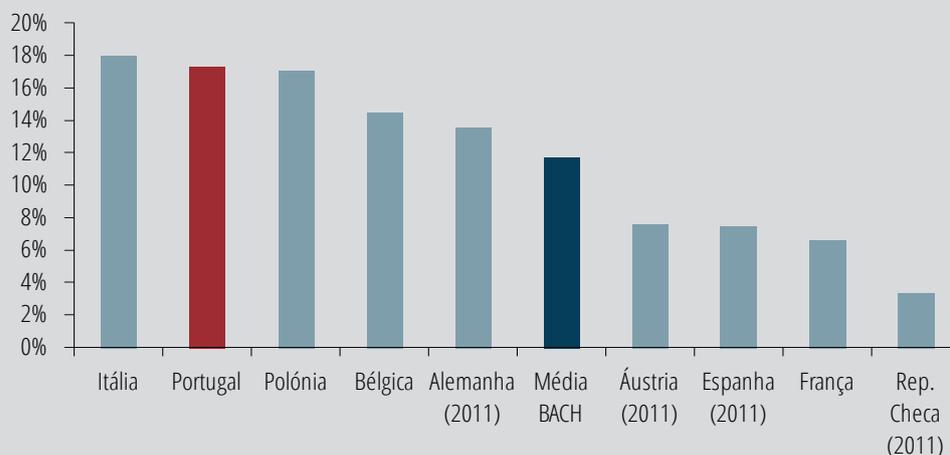


Gráfico 28 •
Peso dos juros suportados no EBITDA (2012)

Notas

1. A Central de Balanços do Banco de Portugal é uma base de dados com informação económica e financeira sobre as SNF em Portugal. A informação baseia-se nos dados contabilísticos anuais comunicados no âmbito da Informação Empresarial Simplificada (IES) e nos dados contabilísticos trimestrais reportados pelas empresas através do Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF). Os dados anuais cobrem a quase totalidade das SNF e os dados trimestrais cobrem cerca de quatro mil empresas, representativas de 50% do volume de negócios do setor. Para mais detalhe relativamente à atividade da Central de Balanços, podem ser consultados os Suplementos ao Boletim Estatístico 1/2008 – *Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços* e 2/2013 – *Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas*, bem como a publicação Estudos da Central de Balanços | 6 – *Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*, de dezembro de 2011.
2. O setor das SNF constitui um dos cinco setores institucionais da economia. A setorização institucional dos agentes económicos é efetuada de acordo com o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 1995 (SEC 95), aprovado pelo Conselho através do Regulamento n.º 2223/96, de 25 de junho. O SEC 95 constitui o referencial harmonizado sobre a metodologia de compilação e prazo de disponibilização das contas nacionais dos países da União Europeia, incluindo estatísticas sob a responsabilidade do Banco de Portugal. Tendo por base este normativo, os Empresários em Nome Individual (ENI) estão incluídos no setor institucional dos Particulares. Desta forma, todos os dados apresentados neste Estudo para o setor das SNF excluem os ENI (representativos de cerca de dois terços do número de empresas em Portugal, mas de apenas 5% do respetivo volume de negócios).
3. As estatísticas da Central de Balanços são publicadas no Boletim Estatístico do Banco de Portugal (Capítulos A e G) e nos Quadros do Setor, ambos disponíveis no sítio do Banco de Portugal na Internet e no *BPstat | Estatísticas Online*.
4. Por uma questão de simplificação utilizam-se neste Estudo as expressões “empresa” e “sociedade” de forma indiferenciada, sendo que ambas se referem às SNF definidas na Nota 2.
5. A definição das classes de dimensão das empresas utilizada neste Estudo encontra-se detalhada em Anexo.
6. A localização geográfica refere-se ao distrito de localização da sede social da empresa.
7. A maturidade das empresas corresponde à idade das empresas na data de referência da análise. Consideram-se quatro classes de maturidade: até 5 anos (exclusive); de 5 a 10 anos (exclusive); de 10 a 20 anos (exclusive); e mais de 20 anos (onde se incluem as empresas com 20 anos).
8. Atendendo à multiplicidade de categorias que o normativo nacional comporta para a classificação das empresas por natureza jurídica, optou-se por destacar apenas as sociedades anónimas e sociedades por quotas, sendo as restantes naturezas jurídicas agregadas sob a designação de “outras naturezas jurídicas”.
9. A quota de mercado foi apurada a partir do volume de negócios individual y_i enquanto $s_i = y_i / \sum_{i=1}^n y_i$, sendo o HHI dado por $\sum_{i=1}^n s_i^2$. O HHI assume valores entre $1/n$ e 1, com os valores entre $1/n$ e 0.1 a representarem mercados sem concentração, entre 0.1 e 0.18 a indicarem mercados com alguma concentração e acima de 0.18 a indicarem uma elevada concentração empresarial. O valor 1 é assumido numa situação de monopólio em que uma empresa detém toda a quota de mercado.
10. Para mais detalhe relativamente às EEC em Portugal, pode ser consultada a publicação Estudos da Central de Balanços | 12 – *Estrutura e Dinâmica das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2006-2012*, de novembro de 2013.
11. Para mais informações acerca da evolução da atividade económica em Portugal deve ser consultado o *Relatório Anual* do Banco de Portugal, bem como o *Boletim Económico*, divulgado trimestralmente. Ambas as publicações encontram-se disponíveis em www.bportugal.pt.
12. O agregado “custos da atividade operacional”, calculado a partir da soma dos Custos das Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas (CMVMC) com os Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) e os Custos com o Pessoal, corresponde, grosso modo, ao conceito de “custos operacionais” do Plano Oficial de Contabilidade (POC, normativo contabilístico de base às contas das empresas até 2009).
13. Os dados reportados na IES relativamente a operações de exportação e de importação de bens e serviços são sujeitos a controlo de qualidade no Banco de Portugal por confronto, nomeadamente, com os dados reportados pelas mesmas empresas no âmbito da balança de pagamentos. Este procedimento não garante, porém, que os dados finais ajustados da IES sejam coincidentes com os dados das estatísticas do comércio internacional. Para tal concorrem, em larga medida, as diferenças metodológicas existentes entre os registos contabilísticos das empresas, que servem de base a esta análise, e a classificação das operações com o exterior nas estatísticas da balança de pagamentos e da posição de investimento internacional.
14. EBITDA, que representa a sigla da expressão inglesa *Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization*, é entendido como o resultado do exercício acrescido dos custos registados por conta de juros, impostos, depreciações e amortizações.
15. Calculada através do rácio entre o resultado líquido do exercício e os capitais próprios, esta rentabilidade mede o retorno obtido pelo capital investido pelos acionistas/sócios.
16. Note-se que a rentabilidade dos capitais próprios é calculada, em termos individuais, apenas para as empresas com capitais próprios positivos, como se refere no Estudos da Central de Balanços | 6, dezembro de 2011 – *Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*.
17. A “Caixa 2 | Empréstimos obtidos junto de instituições de crédito residentes em Portugal – caracterização com base na Central de Responsabilidades de Crédito” disponibiliza informação complementar sobre esta fonte de financiamento.
18. A “Caixa 3 | Crédito obtido através da emissão de títulos de dívida – caracterização com base no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos” disponibiliza informação complementar sobre esta fonte de financiamento.
19. A Central de Responsabilidade de Crédito é uma base de dados gerida pelo Banco de Portugal com informação prestada pelas entidades participantes (instituições residentes que concedem crédito) sobre os créditos concedidos. Para mais informação pode ser consultado o Caderno n.º 5 do Banco de Portugal, Central de Responsabilidades de Crédito.
20. Incluem, nomeadamente, bancos, caixas económicas e caixas de crédito agrícola mútuo (genericamente designados por “bancos” neste Estudo), bem como instituições financeiras de crédito, sociedades de factoring, sociedades financeiras para aquisições a crédito e sociedades de locação financeira. De

notar que, em 2013, mais de 95% do crédito concedido por instituições de crédito residentes a SNF teve origem em bancos.

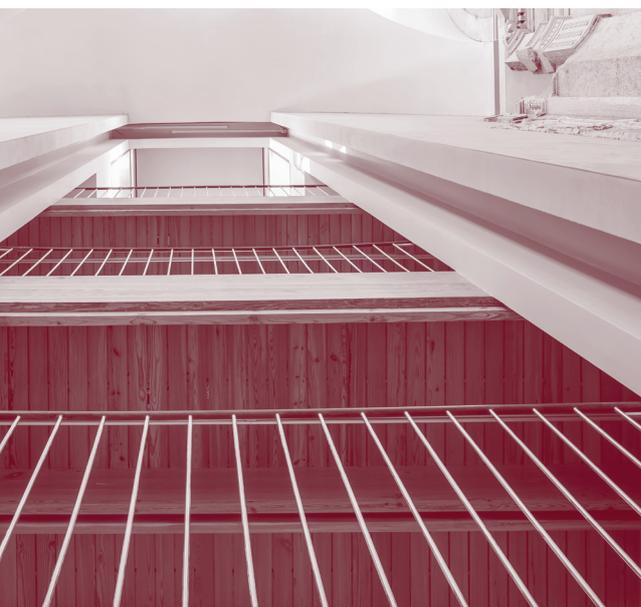
21. O rácio de crédito vencido, baseado em informação da Central de Responsabilidades de Crédito, é calculado como a proporção de crédito vencido no total do crédito obtido. O crédito considera-se vencido, no que respeita ao capital, decorridos no máximo 30 dias após o seu vencimento sem que se tenha verificado a respetiva regularização e, relativamente aos juros e outras despesas, a partir da data em que o seu pagamento deveria ter sido efetuado.

22. O Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos é um sistema de informação gerido pelo Banco de Portugal relativo a emissões e carteiras de títulos, numa base “título-a-título” e “investidor-a-investidor”. Para mais informação, pode ser consultado o Suplemento 2|2008 ao *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal, *Estatísticas de Títulos: Caracterização do Sistema Integrado e Apresentação de Resultados*.

23. Toda a informação constante nesta Secção encontra-se disponível em: <http://www.bach.banque-france.fr/?lang=en>. O acesso à base de dados BACH é gratuito. A Central de Balanços do Banco de Portugal reporta a informação sobre as empresas não financeiras portuguesas e gere a base de dados, em conjunto com as outras entidades participantes. Os valores dos indicadores referentes a Portugal apresentados nesta Secção podem diferir ligeiramente face ao restante Estudo. Esta situação deve-se a diferentes períodos de atualização dos dados e a questões metodológicas associadas à necessidade de garantir harmonização entre países na BACH.

24. A base de dados BACH conta com a participação de nove países europeus, sendo que, no futuro próximo, é esperada a inclusão dos dados da Eslováquia, Holanda, Luxemburgo e Roménia.





ANEXO

Principais indicadores do setor das
Atividades de Informação e Comunicação

	Caracterização do setor		Atividade		Financiamento				Rendibilidade	
	Volume de negócios detido por grandes empresas	Volume de negócios detido pelas maiores empresas (Top 10%)	Volume de negócios	Taxas de crescimento	Autonomia financeira	Taxas de crescimento	Financiamento líquido por dívida comercial (% volume de negócios)	Peso dos juros suportados no EBITDA	Empréstimos obtidos junto de IC residentes (Dez-2013)	Rendibilidade dos capitais próprios
SNF	45%	87%	-9%	-25%	30%	-12%	-3%	37%	30%	-0,5%
Setor das Atividades de Informação e Comunicação	69%	95%	-6%	-1%	45%	0%	-7%	19%	24%	2%
Media	47%	91%	-13%	3%	32%	10%	-8%	23%	29%	-1%
Telecomunicações	94%	99%	-5%	-2%	49%	-2%	-2%	20%	40%	2%
Tecnologias de Informação	33%	88%	-4%	-0,04%	34%	-3%	-17%	9%	19%	9%
Peso do setor das Atividades de Informação e Comunicação										
		Número de empresas		Volume de negócios		Número de pessoas ao serviço				
		2002	2012	2002	2012	2002	2012	2002	2012	2012
SNF		2%	2%	4%	4%	2%	4%	2%	3%	3%

Síntese metodológica

Autonomia financeira: Rácio entre o capital próprio e o ativo total.

Dimensão da empresa: As empresas foram agrupadas em três classes: micro, pequenas e médias, e grandes empresas. Para esta classificação foram utilizados os critérios da Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas. Segundo esta Recomendação são classificadas como microempresas as entidades com um número de pessoas ao serviço inferior a 10 e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros. Para efeitos deste Estudo, as pequenas e médias empresas (PME) não incluem as microempresas e caracterizam-se por apresentarem um número de pessoas ao serviço menor que 250 e maior que 10 e um volume de negócios anual entre 2 e 50 milhões de euros ou um balanço total anual entre 2 e 43 milhões de euros. São classificadas como grandes empresas as que não se enquadram nas condições anteriores.

Distribuição por quartis: Para se calcularem os quartis, colocam-se por ordem crescente os valores das empresas para o indicador em análise. O primeiro quartil corresponde ao valor da empresa que se situa na posição correspondente a 25% da amostra ordenada (*i.e.*, em que 25% das empresas têm valor inferior para aquele indicador e 75% têm valor superior). O segundo quartil (ou mediana) corresponde a 50%, ou seja, o valor do indicador para esta empresa parte a distribuição ao meio, havendo então metade das empresas com valor superior e também metade com valor inferior. O terceiro quartil corresponde à posição dos 75% da amostra ordenada (75% das empresas têm valor inferior para aquele indicador e apenas 25% têm valor superior). O intervalo interquartis (obtido pela diferença entre o terceiro quartil e o primeiro quartil) dá uma indicação da dispersão existente na distribuição. Para mais detalhe relativamente ao cálculo destas medidas estatísticas, pode ser consultada a

publicação *Estudos da Central de Balanços | 6, dezembro de 2011 – Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*.

EBITDA (Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization): Resultados antes de juros, impostos, depreciações e amortizações. O novo normativo contabilístico (SNC) eliminou o conceito de custos e proveitos extraordinários, assim como deixou de permitir a identificação inequívoca das componentes financeiras. Como tal, optou-se por adotar o conceito de EBITDA definido pelo SNC, ajustando, tanto quanto possível, os dados reportados de acordo com o anterior normativo contabilístico (POC), referentes ao período 2006-2009.

Rendibilidade dos capitais próprios: Rácio entre o resultado líquido do exercício e os capitais próprios. Visto que ambas as rubricas (numerador e denominador) podem assumir valores positivos ou negativos, o indicador apenas é calculado, ao nível individual, nas situações em que os capitais próprios são positivos.

Setor de atividade económica: Foram excluídas da presente análise, no que ao conjunto das SNF diz respeito, as empresas classificadas nas Secções O – *Administração Pública e Defesa; Segurança Social Obrigatória*, T – *Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio* e U – *Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais* da CAE-Rev.3, por não se incluírem no setor institucional das SNF, tendo sido também excluídas as empresas classificadas na Secção K – *Atividades Financeiras e de Seguros* onde se incorporam as Sociedades Gestoras de Participações Sociais (SGPS) não financeiras sem envolvimento na gestão das participadas que, apesar de pertencerem ao setor das SNF (conforme regulamentado no SEC95), não foram consideradas neste Estudo em virtude das suas características muito específicas que as distinguem das restantes SNF.

Siglas e acrónimos

BACH	<i>Bank for the Accounts of Companies Harmonized</i>
CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas
CMVMC	Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas
EBITDA	Resultados antes de Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações (do inglês, <i>Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization</i>)
ENI	Empresários em Nome Individual
FSE	Fornecimentos e Serviços Externos
IC	Instituições de Crédito
IES	Informação Empresarial Simplificada
INE	Instituto Nacional de Estatística
ITENF	Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras
p.p.	Pontos Percentuais
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Pequenas e Médias Empresas (exclui as microempresas)
POC	Plano Oficial de Contabilidade
RCP	Rendibilidade dos Capitais Próprios
SEC 95	Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 1995
SNC	Sistema de Normalização Contabilística
SNF	Sociedades Não Financeiras

Referências

Banco de Portugal (2008), Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas Não Financeiras da Central de Balanços, Suplemento 1/2008 ao Boletim Estatístico de maio de 2008.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas>

Banco de Portugal (2008), *Estatísticas de Títulos: Caracterização do Sistema Integrado e Apresentação de Resultados*, Suplemento 2/2008 ao Boletim Estatístico de junho de 2008.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas>

Banco de Portugal (2011), *Central de Responsabilidades de Crédito*, Cadernos do Banco de Portugal n.º 5, maio de 2011.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoesIntervencoes/Banco/CadernosdoBanco>

Banco de Portugal (2011), *Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*, Estudos da Central de Balanços | 6, dezembro de 2011.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes>

Banco de Portugal (2013), *Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas*, Suplemento 2/2013 ao Boletim Estatístico de outubro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas>

Banco de Portugal (2013), *Estrutura e Dinâmica das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2006-2013*, Estudos da Central de Balanços | 12, novembro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes>

Banco de Portugal (2013), *Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2012/2013*, Estudos da Central de Balanços | 13, novembro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes>

Banco de Portugal (2013), *Relatório de Estabilidade Financeira*, maio de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/RelatorioEstabilidadeFinanceira>

Banco de Portugal (2013), *Relatório do Conselho de Administração – A Economia Portuguesa em 2012*, maio de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoesIntervencoes/Banco/RelatConselhoAdministracao>

Banco de Portugal (2013), *Boletim Económico – Outono | 2013*, outubro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico>

BACH *Userguide*.

http://www.bacheds.banque-france.fr/index.php?page=telechargementFile&file=Summary_Userguide.pdf

Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro.

Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas (2003/361/CE).

Regulamento (CE) n.º 2223/96 do Conselho, de 25 de junho de 1996, relativo ao Sistema europeu de contas nacionais e regionais na Comunidade.

Estudos da Central de Balanços

- 1** | Quadros da empresa e do setor, novembro de 2010
- 2** | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal, dezembro de 2010
- 3** | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal, setembro de 2011
- 4** | Análise setorial das indústrias alimentares, novembro de 2011
- 5** | Análise setorial do alojamento, restauração e similares, novembro de 2011
- 6** | Novos quadros da empresa e do setor: adaptação ao sistema de normalização contabilística, dezembro de 2011
- 7** | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2010/2011, abril de 2012
- 8** | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2011/2012, novembro de 2012
- 9** | Análise setorial da indústria dos têxteis e vestuário, novembro de 2012
- 10** | Análise setorial da indústria do calçado, novembro de 2012
- 11** | Análise do setor agrícola, dezembro de 2012
- 12** | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal 2006-2012, novembro de 2013
- 13** | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2012/2013, novembro de 2013
- 14** | Análise do setor automóvel, dezembro de 2013
- 15** | Análise do setor da construção, janeiro de 2014
- 16** | Análise do setor das atividades de informação e comunicação, abril de 2014

